

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

ANTIQUA. MANUSCRITOS INÉDITOS DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO. INFORMES, RECONHECIMENTOS E PROSPECÇÕES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1987, 1988 | Número: 97-98

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Antiqua. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Informes, reconhecimentos e prospecções. *Revista de Guimarães*, 97-98 Jan.-Dez. 1987-1988, p. 5-40.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Manuscritos inéditos de
Francisco Martins Sarmiento

ANTIQUA

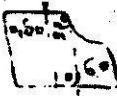
(Informes, reconhecimentos e prospecções)

Anotados por
F. J. SALGADO GUIMARÃES

Âncora (chegada a 10-9-79) (253)

Dólmen de Gontinhães — Fica na margem direita do Âncora, no pinhal da Barrosa, quase defronte da Igreja de Âncora. Excelentemente conservado (254). O suporte traseiro tem (medidas em largura), 2,12; não chega até à mesa, pois há de vão: 0,40. Suportes laterais: N.º 1, tem de sobraçamento 0,40 e livre 0,40. N.º 2, de sobraçamento 0,35, livre 1.10. N.º 3, de sobraçamento 0,20, livre 0,80. N.º 4, de sobraçamento 0,80; livres na parte superior 0,20, na inferior 0,60, porque este suporte tem a forma



 O n.º 5 já está fora do plano da mesa, que chega até à extremidade do suporte 3 e a pedra do N.º 5 pouco se eleva do chão, enquanto todas as outras (menos a traseira), como suportes terem altura da fuma, a saber: Não se conta, claro está, a base dos suportes que estão soterrados. A mesa tem de largo: 3,56; de comprimento (eixo da fuma) 3,25. A fuma tem de largo: 2,10; de fundo 2,30. Tem a boca para nascente. A grossura das lousas será de 4 decímetros (alguns suportes não têm mais

(253) A parte de ANTIQUA apresentada neste número da Revista de Guimarães, abrange o período que vai de 10 de Setembro a 7 de Novembro de 1879. Esta data de 7 de Novembro é a do último apontamento, escrito e datado por Martins Sarmiento nesse ano. Sarmiento chegou a Âncora a 10 de Setembro e lá permaneceu até 31 de Outubro, dia em que regressou a Guimarães. Naquele tempo, o período balnear por excelência decortia em Setembro e Outubro. Martins Sarmiento voltou a Âncora em 1880, 1882 e 1887.

(254) O dólmen de Gontinhães é hoje em dia conhecido pela designação de dólmen da Barrosa. Encontra-se bem conservado mas o terreno envolvente está bastante degradado e a pedir uma intervenção urgente das entidades responsáveis. É monumento nacional por decreto-lei de 16-6-1910.

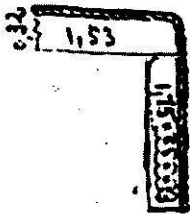
que 28 cm.). O dólmen está numa muito pequena elevação, decerto artificial de três palmos, ou pouco mais, mas plana no local do monumento. Algumas pedras que se vêem em torno do montículo parecem-me nada terem com ele. A disposição dos suportes do lado esquerdo é a mesma que do direito; mas o 4.º suporte deste lado já faltava (12) (255).

A Cividade — A Cividade (256) fica no primeiro picoto do promontório, que se destaca do monte da Terrugem, na direcção do Forte do Cão. Este primeiro picoto parece ter o nome de monte da Matança — o 2.º — (contando para poente) chama-se o Facho (nada tem de notável) — o 3.º o Monte Agudo, nome que também têm os campos que lhe ficam a poente, e já a poente da estrada de macadame. O pinhal da Zelfa (ou Gelfa?), dantes mal afamado por estar infestado de salteadores, é atravessado pela mesma estrada ficando nas faldas e a noroeste do dito promontório. É ele separado do Terrugem por uma pequena garganta, por onde da ponta externa para o vale do Âncora mete para sul, se iria dar a Afife (257). Tomando este caminho, o Crasto dos Mouros, de que falaremos adiante, ficaria à esquerda, esse no Terrugem.

Uma mulher de Âncora, Maria Teresa, foi encarregada de me mostrar as ruínas; logo soube que ia ver umas pedras muito bem lavradas, o que muito me intrigou. De caminho mostrou-me a «Cova da Andoreira», que fica quase fronteira à «Cova da Raposa» e ambas na vertente do Matança e a um quinto talvez de distância da raiz do monte ao alto da Cividade.

A «Cova da Andoreira» fez-me lembrar um pouco a da Citânia. Vira para noroeste. Uma rapariga — segundo contou a mulher — entrou em tempos por ela dentro, até muito longe, mas custou-lhe a sair por se entalar nas estruturas da mina. Não há aqui tradição que ela comunique com algum rio. Aos meus interrogatórios nomeou-me a «Fonte da Moura», que nada tinha de notável, nem eu fui ver.

A mulher levou-me direito às pedras. São curiosas e reconheci nelas analogias



de ornamentação com Citânia e Sabroso. São peças de uma portada (258). O ornato indicado ao lado do cordão singular, que toma aqui a posição inversa da ornamentação de Sabroso é por fim o entrelaço irlandês, que um redactor da Revista Celta queria que fosse romano. É uma trança de quatro pernas, mas cada perna composta de 3 cordões: a pedra que eu ponho, como padieira, e decerto o é (falta-lhe uma das extremidades ornadas de cordão) tem o buraco para o taco do coução

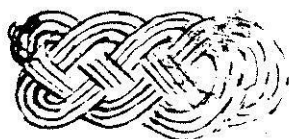
(255) A numeração entre parênteses, no fim dos apontamentos, indica o dia do mês.

(256) Cividade de Âncora. Esta importante estação arqueológica está inventariada com o n.º 6 na obra de Armando Coelho da Silva: *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Nas anotações seguintes esta obra será referida com as iniciais C.C.N.P.

(257) Afife, freguesia do concelho de Viana do Castelo a 12 km desta cidade.

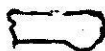
(258) Mais precisamente a ombreira e a padieira de uma portada. Encontram-se expostas no Museu da Sociedade Martins Samento em Guimarães. (*Castálogo de Epigrafia*, 3.ª Edição, pág. 178).

como as da Citânia, o que me faz acrescentar se este buraco basta para servir de classificar uma pedra com ele como soleira. Já se vê que não. A ombreira



está de costas contra a parede, e não pude ver se era a direita ou a esquerda (a direita entrando a porta, é que deve ter o rasgo do batente a julgar por Sabroso (259). Pude ver: mós de moinhos de mão; restos de ânforas; restos de telha (mas não acertei com frag-

mentos de rebordo); pedras que faltam em Sabroso e são vulgares na Citânia. São toscas. Pude ver umas três: um fragmento de soleira com a extremidade boleada. As ruínas estão retalhadas em pequenas bouças, de pinhais



densos, urzes e mato. A mais descoberta, e onde são visíveis alicerces de construções pertence a um Moreira, de Afife, e será fácil obter licença para uma escavação. O dono da bouça e das pedras que estão nela é também de Afife (José Pinto; mora perto da igreja desta freguesia) segundo ele me disse mais tarde, uma das pedras estava já à vista, e a outra é que apareceu na cova feita quando da sementeira do pinhal. Todas as bouças estão tapadas com paredes de grande altura, altura que não indica tanto luxo da vedação, como o fim de desembaraçar o terreno das pedras das construções. No meio do corno do pinhal da bouça do José Pinto há uma laje «in situ» com uma depressão que figura um tanque e foi classificado como tal por um sobrinho da Maria Teresa. Por mais que espireitei os penedos só vi algumas raras covinhas. Descendo para o outeiro do Facho vê-se ainda um lanço de muralha sob uma camada de terra que a denuncia. Graças aos pinhais e paredes é difícil formar uma ideia exacta sobre a topografia da Cidade. Pertencia ela a Afife? A Âncora? Respondam os anjos (260).

À vinda fui ver a «Cova da Raposa». Fica num outeiro, perto do único moinho de vento que por ali há. Para o lado do mar há furnas naturais na escarpa do outeiro; mas nada de notável, nem a pedra que toca, nem os buracos onde os rapazes costumavam meter a cabeça, corrosões naturais, como nas outras partes. O outeiro chama-se «O Castro» — e não é o nome de homem, segundo declarou a Maria Teresa — respondendo-me. Fragmentos de tijolo e cacos antigos não são raros por ali; e no cimo do outeiro há uma cavidade num penedo que não é natural:



(259) O castro de Sabroso no concelho de Guimarães. Foi explorado por Martins Sarmento. Inventariado com o n.º 26 no C.C.N.P. Monumento nacional por decreto-lei de 16-6-1910.

(260) Da Cidade de Âncora só uma pequena parte, do lado sul, está escavada. Os incêndios destruíram o tradicional pinhal e agora quase todo o monte está coberto por densos rebentos de eucaliptos que tornam o acesso difícil e o estudo das ruínas praticamente impossível. Causa dó o estado lamentável desta importante estação arqueológica, que, devidamente aproveitada, muito valorizaria o turismo daquela região.

Entre Âncora e Gontinhães, parece haver velhas rivalidades. Os de Âncora sabendo que na estação de Gontinhães se tinha escrito o nome de Âncora lembraram-se de o apagar (13) (261).

Monte de St.º Antônio (262) — Em Afife, olhando a certa distância descobre-se um patamar que o cerca — faixa plana que acompanha em regra uma muralha. Examinando o monte de perto, seguem-se dois cordões de terra (principalmente no arco N., O.) que encobre as duas ordens de muralhas. Em outros, a orla da muralha ainda se vê. Encontrei fragmentos de telha com rebordo. Nenhuma tradição resta de ter havido ali fortaleza, ou coisa equivalente. O nome próprio do monte também desapareceu. Algumas pequenas covinhas apenas.

A bacia de Afife tem pelo nascente uma corda de montes que ouvi chamar Gateira-Cabanas. O ribeiro que corta o vale também lhe ouvi chamar Cabaneiro. A cordilheira pega com o Terrugem, mas torna depois na direcção bolíqua do N.E. a S.O., como quase todos os montes desta costa (14).

Cova da Moura — É em Âncora, no lugar de Espera, pinhais de Freião, quase na linha da ponte (velha ponte de Abadim). Resta o outeiro visivelmente artificial, de cujo centro foram arrancadas as pedras do dólmen, porque inquestionavelmente houve aqui outro dólmen, este na margem esquerda do Âncora. O arrancamento das pedras deixou uma depressão, que deu o nome de «Cova» da Moura. Antes disso devia ter outro. Não vi sinal de cacos, nem pedras em torno denunciando um «cromlech» (263).

Caminha — À entrada de Caminha, à mão direita, vêem-se umas lajes brancas, onde há tradição de mouros. O mesmo no «Coto da Pena», não longe de Caminha (264).

A matriz de Caminha é notável. Tem remendos manuelinos; mas a porta de entrada, de volta inteira, e grotescas figuras em relevo, pareceu-me muito mais antiga. O relógio (torreão) passa por ser dos mouros. Na rua Direita (que segue por baixo da torre do relógio) há uma casa, cujas padieiras são ornadas de cabeças em relevo. A faixa, onde ficam as cabeças humanas, e que eu indico por pequenos círculos, é lisa, mas rebaixada. Um vizinho rosou que o seu velho proprietário era a Duquesa de Caminha (16).



(261) Em 1924, por decreto-lei, Santa Marinha de Gontinhães é elevada à categoria de vila passando a denominar-se Vila Praia de Âncora. Desde então o nome de Santa Marinha de Gontinhães caiu em desuso, mantendo-se unicamente na parte eclesiástica.

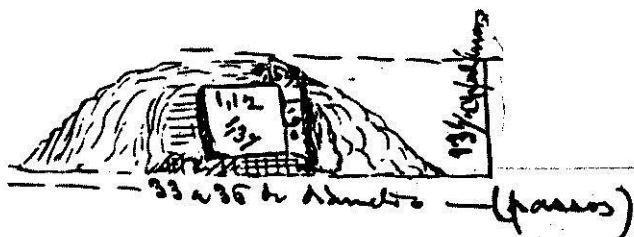
(262) Monte de St.º Antônio. Inventariado com o n.º 67 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Afife, concelho de Viana do Castelo.

(263) Aliás Aspra. Impossível localizar.

(264) Alto do Coto da Pena. Estação arqueológica inventariada com o n.º 1 no C.C.N.P. Fica na freguesia de Vilarelho do concelho de Caminha a 2 km desta cidade.

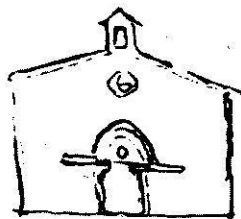
Pinhal de Santo de Vile ⁽²⁶⁵⁾ — Antes de chegar à ponte de Abadim, à esquerda, da margem esquerda do Ancora, Há ao pé uma telharia. Existe o outeirinho artificial de

100 passos de circunferência (o da Cova dos Mouros deve ter o mesmo diâmetro), e um suporte lateral, bem como uma pedra das traseiras: de



pedra quadrada era uma das da traseira. É provável que fosse inteiriça e a partissem depois. O outeirinho eleva-se ainda acima de toda ela e dá ares de ter coberto todo o monumento como provavelmente sucedeu a todos os outros. Encontra-se muito caco, mas parece ser de telha e moderna. A meio da furna há ainda uma pedra tombada, decerto um suporte, mas já reduzido a menos de metade. O nome do pinhal é «Pinhal de Santo de Vile». Disse-me um homem ser tradição de haver ali aparecido S. Sebastião, o orago de Vile. Uma mulher a que falei nisto riu-se com incredulidade. O telheiro (um galego) disse-me mais tarde que sempre lhe ouvira chamar — «Cova dos Mouros».

Igreja de S. Pedro — Passando a igreja de Vile e tomando o caminho de Azevedo ⁽²⁶⁶⁾, encontra-se a meio caminho, antes de chegar à cumeada, de onde se descortina Caminha, a igreja de S. Pedro. Causa impressão a solidão em que está a velha igreja abandonada na covada do monte. Disseram-me que ainda não



há muitos anos vinham ali enterrar os defuntos de Azevedo. A igreja faz lembrar a de S. Miguel do Castelo; mas um informador tinha-me dito que ela pertencera ao mosteiro de Tibães. A rosácea por cima da porta está emparedada. O tímpano da porta principal, como os das travessas, tem a cruz. A porta é ogival;



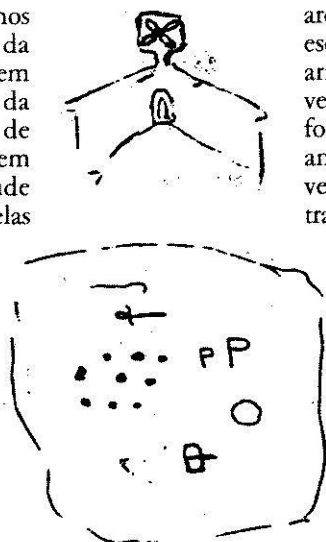
o arco duplo. O exterior assenta em capitéis salientes que continuam a saliência alguns palmos. Arco inteiro e capitéis faceiam com a parede. Nas partes laterais nenhum dos arcos tem arranque. Ao lado delas, na 1.^a linha do fecho do arco há 2 seteiras (total quatro) açotadas de fora para



(265) Os vestígios deste dólmen ficam na freguesia de Vile, a uns 150 metros da bifurcação que da estrada nacional 305, Ancora — S. Lourenço da Montaria, conduz ao centro da freguesia.

(266) Azevedo, freguesia do concelho de Caminha a 5 kms desta cidade.

dentro e em arranque só nos e seteira da porta travessa da capela-mor, que não tem nos os lados há cachorros da também tem cachorros de entra figura humana, nem ogival e liso, segundo pude dura. O corpo da igreja pelas cruz, por baixo da açotada de fora para acima da igreja numa encontrei os seguintes nhas pareceram-me três polegadas e é um doso. O P, pelo menos distinto e deve ser rela-



arcos, que são ogivais menos esquerda, para o lado da arranque nenhum. De amvelha alpendrada. A cornija forma variada, mas onde não animal. O arco cruzeiro é ver pelo buraco da fecha-traseiras é encimado por uma qual há uma fresta dentro (267). Logo laje à beira da estrada sinais e letras. As covi-antigas. O círculo terá pouco fruste e duvi-o segundo, é muito tivamente moderno.

Picoto dos Mouros (268) — Continuando o caminho para Azevedo até à linha da cumecada de onde se avista Caminha, temos à esquerda o alto da Espiga, que parece separar o vale de Moledo e Cristelo, do de Azevedo, Venade e Argela. O monte que segui tem o nome de S. Pedro.

À direita fica a «Chã das Vermelhas». Todos os montes são abundantes de carqueja (querqus?), que se corta com grandes foicinhas sem dentes. Do ponto culminante em que eu parei vê-se Caminha ao longe (o monte de St.^a Tecla fica escondido pelo alto da Espiga), a ponte sobre o Coura, por sobre o vale de Venade. Mostraram-me os cortadores de carqueja uma pedra na descida do caminho para Azevedo, chamada «Pedra da Moura». Disseram-me nada ter que ver, e assim me pareceu de longe. Já os montantes tinham andado com ela às voltas.

Para procurar o «Picoto dos Mouros» é preciso desandar o caminho pela «Chã das Vermelhas», de que ele é um contraforte virado para cima de Âncora, descobrindo-se muito bem da estrada que de Âncora vai para Viana (bem como a igreja de S. Pedro) pouco antes de chegar à ponte.

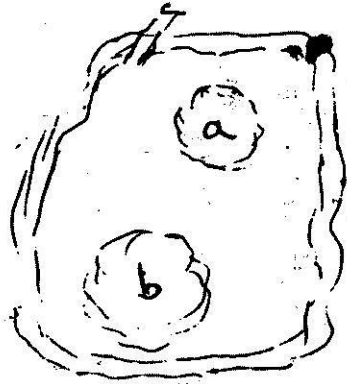
Uma mulher que encontrei perto do Picoto disse-me ter havido ali um con-

(267) A capela de S. Pedro de Varais está classificada como monumento nacional por decreto-lei de 5-1-1950. O percurso até esta igreja, partindo de Vile e calcorreando uma íngreme vereda, é bastante difícil. A data da construção da capela é desconhecida; supõe-se no entanto, ter sido edificada nos finais do séc. XII.

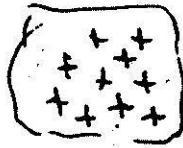
(268) Picoto dos Mouros. Inventariado com o n.º 4 no C.C.N.P. Está situado na freguesia de Vile do concelho de Caminha e dista 10 km desta cidade.

vento (lembrei-me do Outeiro das Freiras em Fafe, e a Lapadela do Barral, onde também houve freira) (269), vendo-se ainda muita pedra em volta.

É um antigo forte, conhecendo-se pelo cordão de terra, que encobre as muralhas, a existência delas vê-se também em farta pedra solta. Este forte tem duas curiosidades. 1.ª Uma espécie de construção circular a), de pedras grosseiramente colocadas (uma fiada só, na chã do planalto. 2.ª, O morro b) é todo de terra. Este morro é o mais saliente e terá 150 passos. Em c) por onde se entra há sinal de calçada; mas as calçadas ainda hoje são vulgares por estes sítios. O «Picoto dos Mouros» está isolado de todo o terreno agricultado. Deve ser muito velho. Nem cacos, nem sinais em lajes.



Gravuras em lajes, modernas — Perto da Cova da Raposa tinha já encontrado o contorno de um cão. Vê-se que foi gravado há Soutelo, e onde o Âncora há numa laje umas poucas delas, à porta dum moleiro tudo isto parecerá antigo. o traço, pouco igual, como



em tamanho quase natural. pouco tempo. Mais acima de vira bruscamente para S.E., de cruze gravadas. Não longe umas letras. Daqui a anos Aviso aos arqueólogos. Hoje dos sinais da Citânia, é ainda fresco.

Afiadouro — É vulgar também encontrar nas lajes perto dos moinhos riscas intencionais. Explicou-me um moleiro o segredo. Os picos acabam de se afiar ali (17).



Forte do Cão — O Pinho Leal tinha dito haver por aquelas imediações antiqüíssimas construções, e a norte vestígios de *Vicus Ipecorum*. Ora a norte há apenas mar. Mas disse-me o Salgado que no areal, pelo lado do norte, há um paredão soterrado. Perto do forte há uns alicerces de paredes velhas, sobre parte dos quais assenta a parede da horta do guarda; mas supõe ele que isto pertenceria a um antigo castelo, anterior ao actual. As paredes que se descobrem deviam pertencer a uma construção circular larga. O terreno é raso (270).

(269) Vide Revista de Guimarães, vol. LXXX, pág. 28.

(270) O fortim está relativamente bem conservado e é de construção idêntica ao de Carreço. Foi construído em 1690 no reinado de D. Pedro II. Monumento nacional por decreto-lei de 24-1-1967.

Gamelas naturais — Estas gamelas intrigaram-me. São depressões sobre o quadrado em lages planas, não tendo de profundidade mais que uma polegada. São naturais, devido inegavelmente à acção da água do mar. São inúmeras.

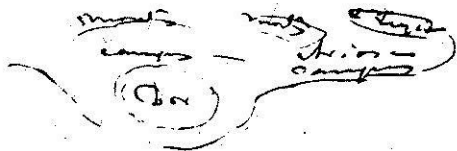


Camboas — Cercados circulares, quadrados, de qualquer forma, já nos fragedos do mar e onde ele chega. Na maré vazante, fica ali peixe represado.

Forte do Carreço — Carreço é a freguesia que se interpõe entre Afife e Âncora. Daí o nome do forte. É como o do Cão. A cruz de Portugal que pompeava sobre a porta da entrada dos outros fortes aqui estava derribada. Ela e a coroa despegaram-se, ao que parece, do seu encaixe. Antes de chegar ao Forte do Carreço (segui sempre à beira-mar), algumas paredes são feitas de pedras negras, e em parte roladas. Creio que só abundam por aqui. Pelas outras partes serão excepção (271).

Monte-Dor — O Forte do Carreço fica já à beira do Monte-Dor. Circundei-o primeiro pelo lado do mar. Nada vi de notável. Subi-o na direcção de poente a nascente. Por pergunta, disseram-me que no alto não havia capela nenhuma, como eu queria — à priori — mas que havia ao lado a do Bom Sucesso, pertencia a um fidalgo. Ia perdendo a esperança de encontrar antigualhas, quando num monte de pedregulho encontrei fragmentos de telha com rebordo. Subindo o outeiro no trilho de carro, vi que o rodado tinha posto a descoberto uma aresta de muro, que tinha 2 palmos de largo, mas que ligava por dentro com uma faixa de pedregulho de mais de 6, e com esta faixa concircuitava um cordão de terra da mesma largura. Era visivelmente uma muralha, que seria fácil pôr a descoberto. Segui-a em quase toda a volta do monte. Do lado norte, por onde o terreno é mais acessível, pareceu-me que os cortes na terra eram antigos fossos. Fragmentos de cacos antigos não são raros. A casa do guarda da Alfândega e os 2 moinhos de vento ficam no meio do outeiro que tem muito mais âmbito que o de St.º António, mas uma só muralha. Nem o guarda, nem os vizinhos sabem de tradição que dê ali um forte. O monte (na freguesia de Carreço) é muito pouco elevado, mas destaca-se na campina (272).

Em relação a Dor, o St.ª Luzia é reentrante (18) (273).



(271) É o fortim de Paço em Carreço. Continua bastante arruinado. Um letreiro informa que vai ser recuperado pela Região de Turismo do Alto Minho. A sua construção é também de 1690.

(272) Montedor. Inventariado com o n.º 70 no C.C.N.P. Montedor está actualmente bastante modificado, se o compararmos com a descrição de Samento. Inúmeras habitações cobrem quase por completo a encosta do monte. Só do lado voltado a Âncora existe ainda pinhal. O farol, que se encontra no ponto mais alto, foi construído em 1910.

(273) O monte de Santa Luzia sobranceiro a Viana do Castelo.

Crasto de Mouros — De caminho para ele, quis tornar à Cividade, para procurar uma terceira pedra, tirante das outras, e que a Maria Teresa, que me encontrou depois de me acompanhar às ruínas me disse ter-se esquecido de mostrar. Tomei o caminho da capela da Senhora do Socorro, que fica na lingueta que o vale de Âncora mete para Afife. A capela tem a data de 1640; não creio que indicando já uma restauração. Os sete edículos (como lhe chama o Pinho Leal) estão hoje vazios e abandonados. O tecto é em arco, mas por fora a cobertura é de padieiras em lavadouro. Pequenas e baixas (274).

Na Cividade não vi a 3.^a pedra, e creio que foi engano da mulher. Vi o pretendido tanque, de que ela falara.

É no meio de pinhal cerrado e consiste numa rebaixa quadrada numa lapa «in situ».

O rebaixo em parte é de 2 polegadas.

O «Crasto de Mouros» é um «pendant» do «Picoto dos Mouros». Os muros estão escondidos sob um cordão de terra, e pedra em montão apenas se vislumbra aqui ou ali. O Pinho Leal afirma terem-se encontrado aqui moedas, e o mesmo ouvi a um labrego. Entre a Cividade e este forte ficava Osseira, mas não tive a quem pedir informações exactas do seu local. Como o Picoto dos Mouros o sítio é agreste, e os seus arredores cultivados. O promontório olha mais para Afife que para Âncora. Há por ali calçadas (20).

Cobertorinho — *Sino dos Mouros* — Do Cobertorinho, que corre para Moledo, avista-se, diz o banheiro, em dias claros, o Cabo Finisterra. O que eu descobri ao longo da costa da Galiza foram saliências na beira-mar: mas pareceram-me perto de mais, para a última poder ser o Finisterra. No Cobertorinho não houve, nem podia haver forte. Para o lado dos montes (nascente) todo o monte é raso e indefensável. No Sino dos Mouros nada vi de notável. Uma pequena construção quadrada, a meia costa, para o lado de Moledo, pareceu-me já moderna. Não vi o «sino» nem o procurei muito. Inquire-se que pedra será.

Quid? — Descendo ontem do Terrugem para o vale de Âncora encontrei a meia costa uma construção tosca e circular duma fiada de grandes pedras, com seus intervalos, que lhe tiravam o carácter de construção seguida. Pareceu-me pouco antiga. Hoje perto da cruz, que há a poente do Cobertorinho, e é à beira da estrada de Caminha — cruz que tem ao pé uma mesa —, encontrei uma construção quase idêntica. Não entendo. Bom é porém desconfiar de sítios onde há capelas e cruzeiros isoladas (22).

(274) A data de 1640 indica a do seu restauro. A da sua edificação é desconhecida, inclinándose alguns historiadores para o séc. X.



Pedra ornatada da Cidade — Indo pedir ao dono das pedras da Cidade licença para as transportar para o adro da Igreja de Afife, ele mostrou-me uma outra que de lá trouxe.

Esta pedra pouco mais tem de 4 decímetros de diâmetro. A espessura é de uma mão travessa. Parte ornamentada — de quê? (29) (275).

Sepulcro perto de Guadalupe — A capela de Guadalupe (em Soutelo, creio eu), que vi e nada tem de notável, tem nas suas vizinhanças, segundo me disse um carvoeiro, uma caixa de tijolo, que foi descoberta por acaso e provavelmente espatifada. Era decerto um túmulo de tijolo (276).

Estátua galaica de Viana — Vi-a ontem (5). É mais pequena que a minha (277). Tem do plinto até à fimbria do saio 0,33; da fimbria do saio até à orla inferior da rodela 0,20; diâmetro da rodela 0,40; da orla superior da rodela até ao alto (cavidade para encaixar a cabeça) 0,33. Portanto altura total 1,26 m. Largura de ombros, 0,55; largura atrás e dos lados. Dois cordões 0,39; largura 0,09. No peito cruz (logo por cima da rodela) mas empunhando a adaga 0,10 (no pul-



do cinto 0,08. Os ornatos são lisos. Comprimento da adaga pareceu-me não haver só uma Braço — mão quase fechada, so um bracelete singelo).

(N.B. não há sinal de torques, de que fala Hübner) — do bracelete ao cotovelo 0,15; do cotovelo até à orla da manga do saio (?) 0,10; daí até ao ombro 0,24. A inscrição atravessada no saio é em parte muito legível (o E grego do Figueiredo Guerra (278) não existe); parte nada. Só pude copiar:

C-SESTI CLODAM
SII CORO:COROCAY
VAIV - SE

A rodela é raza com as faces do corpo, e pareceu-me que nem o botão central primitivo existe. A cruz em aspa com as vieiras aparecem exactamente no brasão (quartel superior do lado esquerdo) sobre a porta de D. Francisco (casado?). Mesmo em torno da orla do escudo há uma linha rebaixada,

(275) Parte de uma estela funerária discóide, já do período cristão. Encontra-se exposta no Museu Martins Sarmiento. (Catálogo de Epigrafia, 3.^a Edição, pág. 182.)

(276) A capela da Senhora de Guadalupe fica na freguesia de Riba d'Âncora.

(277) Refere-se Martins Sarmiento à estátua encontrada no monte de S. Ovídio, Fafe e meses antes adquirida pelo arqueólogo.

(278) Historiador vianense do século passado autor de vários trabalhos históricos e arqueológicos sobre a região do Alto Minho.

para indicar o relevo da rocionada ao corpo. Tem de alto e realmente quase parece ferro levanta-a acima da ba assentar, e vê-se que esta tre os ombros.



dela. A cabeça é despropor-largo 0,27; e outro tanto de uma máscara. O espigão de se do pescoço, onde devia base foi caveada de mais en-

O plinto em que a estátua assenta não me pareceu intuitivamente moderno, como afirma o J. Caldas. Pareceu-me antes que deve orçar pela mesma antiguidade.

Dólmen de Gontinhães (exploração) (279) — O dólmen pertence a Jacinto dos Santos e ao filho Rodrigo, que moram ao pé (e a nascente) da Capela de S. Sebastião. O Rodrigo disse-me que tinha muito gosto no monumento, por saber que andava em livros — «Avis Rara!» O pavimento do dólmen, antes de começar a escavação (ficou o mesmo depois dela), ficava abaixo do tecto 1,56. Mandeí abrir uma vala de 3 palmos de largo desde a entrada até à lousa traseira e pela linha média. A terra era vegetal cheia de raizame de pinheiro e de seixos rolados, que abundam no vale de Ancora (a).

A altura de 0,50, e a quase igual distância da entrada, desenterrou-se um fragmento *celt* de diorite, polida;



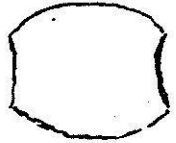
Os lados são chanfrados, e o fragmento sobre o seu assento menor figura metade de uma barca sem quilha. A mais de meio da furna apareceram alguns (2) fragmentos de tijolo, à profundidade de 0,80. A vala foi profundada até à terra virgem, que é um barro amarelo-claro compacto, onde o alvião custa a entrar, e onde não há sinal de seixo. A lousa traseira assenta neste solo 1,26 abaixo do pavimento antes da escavação, de sorte que esta pedra tinha: parte enterrada, 1,26; parte emergente 1,34; vão até ao tecto 0,40; total 3,00 m. Esta exploração desenganou-me logo que o interior do dólmen tinha já sido volvido, revolido e saqueado, e talvez mesmo a terra que hoje o enche tenha vindo de fora. O fragmento de *celt*, do tijolo, pequenos bagos de carvão, pequenos fragmentos de

(a) Apareceu em muitos campos, noutros não, disse uma mulher.

(279) Esta parte do texto referente à escavação do dólmen da Barrosa, foi publicada por Mário Cardozo no seu trabalho: Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Samento.

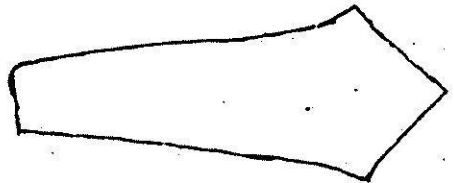
louça grosseira, são talvez já despojos de despojos. As raízes que calabream a terra, só podiam entrar ali pela boca da furna. Pareceram-me inteiras, i. é, desenvolvidas espontaneamente, e não quebradas e amalgamadas, como deviam estar se viessem em terra de entulho.

A vala que cruzou com a primeira nada produziu. Mostrou só que os suportes também assentavam em terra virgem. Tem eles, pois, 3 m de altura. Pedra apareceu pouca e sempre pequena. Algumas pedras chatas e espalmadas (muito poucas) poderiam ter sido postas de cutelo; mas tudo fora do seu lugar. As valas em cruz foram cheias com a terra dos lados. Nada de novo. Pequenos fragmentos de tijolo e louça, e só de notável a metade duma conta de pedra negra em forma alongada. Esta conta, que parece de azeviche, é perfeitamente polida por fora. O furo do interior errou a direc-



ção, de sorte que o furo de um lado e do outro desconstruíram-se. Explorei a entrada, já fora do tecto da mesa, porque algumas indicações havia duma galeria exterior. Efectivamente a galeria vai mais longe do que se pensa e ficou agora à vista na coroa das pedras; mas falta uma planta que hei-de tirar. Quase à boca do dólmen e à profundidade de 0,40 apareceu uma ponta de flecha (?)

de sílex (?) lascado: Nenhuma parte é polida; e a arma ou o que é mostra que nunca serviu (280). Entre os fragmentos de tijolo, ou telha (porque nenhum tem rebordo, mas isso não basta) há um com sinal de marca, que mostra ainda o arco que pode bem ser o do P de algumas telhas da Citânia. Se se pudesse fazer obra pelos testemunhos em si, este dólmen dava-nos testemunhos — da pedra lascada, da pedra polida, da época romana (tijolo). De metal apenas um pequeno fragmento de ferro. De bronze, nem sinal, mesmo de terra oxidada onde ele se desfizesse. Explorei também as costas de dólmen. Encostava à lousa um montão de pedregulho, deitado ali intencionalmente, mas provavelmente para pesar mais contra a lousa. Quase à flor da terra apareceram 2 fragmentos de tijolo. Logo que possa tirarei a planta exacta da galeria.



Sanoana — O Diogo de Magalhães esteve a falar-me dumas ruínas, uma légua distantes de Barcelos, e em Roriz. Aqui está explicada a confusão das notícias que me deu o Fernando Magalhães, na Citânia, sobre as ruínas que ele e o Veloso tinham explorado em Roriz, perto de Barcelos. É que há muitas Marias na terra. Estas ruínas nem são o Saia, nem coisa que o valha. São talvez a Sanoana, do Veloso, que também nada tem com o Saia. As informações do Diogo não me dei-

(280) Esta ponta de flecha em xisto encontra-se exposta no Museu Martins Sarmiento.

xaram orientar bem sobre o sítio preciso das ruínas. Confirma que o sobrinho, entre outras coisas, achou uma cuinha de bronze. Há por ali, diz ele, «Cerrados de Mouros» e com este nome. A maior curiosidade, porém, são cavidades da forma dos túmulos de Tabuadelo (281) conformando-se às formas humanas, abertas na rocha, mas numa posição vertical, tendo, ao que parece, alguns degraus para lá chegar, abertos também em pedra. Creio que há só um «specimen» destes monumentos, no centro das ruínas, e num dos pontos mais elevados. Guarita para vigia? Trataremos de examinar esta nova «velha-briga» (282).

Toponímia do litoral — Desde a ponte do Âncora até St.º Isidoro (capela de) — O sítio das Águas Férreas chama-se «Pedarroso». — O leito do Âncora não é o actual. Vinha em linha oblíqua à direcção que hoje tem, da igreja para a sua foz, que sendo de nascente a poente, dá ao antigo leito a direcção de sudeste a noroeste. Ainda hoje há vestígios do antigo leito, e o dono dumas azenhas, que o rio abandonou, fez baldadas diligências por trazê-lo ao leito velho e desviá-lo do que ele rompeu numa cheia.

«Camboas» assim chamado o sítio, por haver algumas nas vizinhanças. É aí que se tem encontrado metal (estanho) que eu vi, algum ainda na ganga da pedra, e outro amarelo, que me prometeram mostrar (a). Em seguida fica o «Penedo Rachado» (por um raio) e uma parte do litoral que se segue chama-se «Coriscada». Haverá aqui veias metálicas que atraem o raio? Era digno de examinar-se a coisa. Em seguida fica o «Porto de Belforado». Etimologia: correcção de «Mel Furado», porque o mar trouxe ali uma vasilha com mel, mas furada. Segue-se o «Porto de Gimbra». Depois o «Porto de Caído». Etimologia: Uma questão entre Moledo e Âncora sobre quem era proprietário deste porto. Moledo decaiu, daqui «Porto Decaído». Esta estrambólica etimologia foi-me dada por duas pessoas, separadas muito. No Porto de Caído há casebres, sem gente, onde se guardam instrumentos de apañhar sargaço. St.º Isidoro, que fica um pouco mais a norte, é o limite de Moledo e Gontinhães (283).

O homem que me deu estas informações disse-me também que o dólmen de Gontinhães tinha sido escavado, haverá 12 anos (7-10-79).

9 de Outubro de 1879

St.ª Luzia — Fui hoje ver as ruínas da primitiva Viana (284). A capela, por onde quis começar a minha visita, estava fechada, e tão escura é ela, que nada

(a) Aí encontrei um seixo rolado, e com fracturas intencionais no seu pequeno fazendo lembrar as pedras de Sabroso: O seixo é de quartzo azulado.



(281) Vide Revista de Guimarães, vol. LXXX, pág. 36.

(282) Citânia de Roriz. Inventariada com o n.º 203 no C.C.N.P. A freguesia de Roriz pertence ao concelho de Barcelos e dista desta cidade 10 km.

(283) Os topónimos aqui referidos ainda são usados pela população local.

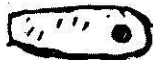
(284) A citânia de Santa Luzia situada no monte do mesmo nome sobranceiro a Viana do Castelo. Inventariada com o n.º 73 no C.C.N.P. Monumento nacional por decreto-lei 19-2-1926.

pude avistar dentro pela pega da porta. A capela não está orientada. Vira para Viana e portanto, se não erro para S.O. Um devoto circuitava de joelhos a capela, que me não mostrou nada de antigo, nem de curioso (285). Os penedos em volta nem um sinal têm, que eu descobrisse. As ruínas ficam para nordeste. O local pareceu-me mau e pouco defensável. Segue-se muito visivelmente uma ordem de muralhas de 2,10 de grossura; mas, como em Sabroso, esta muralha num grande lanço de nordeste parece



exterior. De quando em quando, este circuito de muros, como que destaca um lanço, para apanhar algum acipreste à defesa; mas em geral a pente de terreno, que se ter sido emendada com uma folha quando, este circuito de muros, presta à defesa; mas em geral a povoação era muito compreensiva — é-o aos olhos, e vê-se em menos de meia hora. Salvo uma parte, que é pertença de um particular e que está murada (encontrei aí uma moeda), tudo o mais é nu de arvoredo e a escavação fácil (286).

A escavação mandada fazer pelas comissão vianense pôs a descoberto umas 15 a 20 casas. As casas circulares têm um diâmetro irregular. Medi: — 4,11; 4; 3; 3. Na 2.^a (de 4), numerada n.º 4, há 7 lousas de xisto, com um furo, que os exploradores vianenses supõem ser para «pivot» de coução, e que mais não são que as célebres argolas da Citânia e Sabroso. Basta ver-lhe a forma, e, para arredar a conjectura dos vianenses, reparei que o buraco pouco excedia a uma polegada — o que suporia couções de ferro, quando inegavelmente eram de madeira. Em geral o xisto, de que são formadas estas argolas, é abundante na planície, como verifiquei depois, descendo para a estrada. É cor de lousa, mas veuada de palhetas grossas de quartzo, segundo me pareceu. Uma das argolas era de mica-xisto e são vulgares naquelas ruínas. Os pisões de pedra frequentes na Citânia e Cinhumada, são também aqui vulgares. Não vi ne nhum soleira nem ombreira. Casas quadradas de 6 metros Por

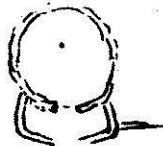


0,30 (a).

Algumas casas cir-

culares têm vestíbulo: A espessura na parede desta e das outras é entre 42-50 cm.

Também de 2 folhas como na Citânia; o aparelho de dentro miudíssimo; o de fora mediano. Uma casa tem uma parte do aparelho em xadrez. As construções mais curiosas são as oblongas. Há duas, uma mede 27 passos (b) e um terço (b) no diâmetro maior, e no menor 5 passos e um terço; mas o curioso é que uma delas tem vestíbulo; e um

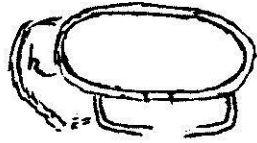


(a, b) As minhas notas em (a) dizem: 27 passos por 5 escassos; em (b) 1/3 passos por 5 1/3. Este 3.º é o de passeio.

(285) A capela do Séc. XVII já não existe, pois foi demolida nos fins do século passado, para dar lugar à basílica que actualmente coroa o monte de Santa Luzia.

(286) Presentemente todo o monte está coberto por frondoso arvoredo. Infelizmente a maior parte deste é composto por mimosas, uma espécie vegetal daninha causadora de grandes danos naquela estação arqueológica. Esta planta, inimiga figadal das estações arqueológicas, está ultimamente a ser combatida com assinalável êxito por um eficaz herbicida da Bayer.

apenso ao lado esquerdo (*b*). A elipse nunca é perfeita, mas o aparelho é tão esmerado como nas outras. Algumas casas têm repisa como em Sabroso. Dentro duma há uma pequena laje com uma pequena «coupelle». De resto, a não ser alguma rara «coupelle» num ou outro penedo, não vi sinal algum em lajes.



Em cerâmica — vi fragmentos de tégula (uma com rebordo) — de imbrex — de ânforas. Louças grosseiras com mica branca; um fragmento com cordão em relevo (liso), outro, que trouxe, com uma espécie de L em relevo: Na vertente sudoeste do monte em que fica a capela de St.^a Lutzia, e fora já do circuito dos muros, não falamos fragmentos de louças. Debalde perguntei pelos «casebres de S. Pedro» de que me falara o pároco de Avisio. Iguualmente perdi o tempo a procurar o «menhir», e o «cromlech» descobertos pelo Possidónio (287). Há para sul um pinhal com uma parede, ou melhor uma fiada de pedras rareadas, que o cerca. É quase em forma circular, esta forma, bem que esquisita, não é única por toda a parte. Foi aqui onde o Possidónio viu o «cromlech»?



A sul do rio Lima o primeiro monte que corre para o mar é o «Faro d'Anha» — o seguinte mais elevado: o «Castelo de Neiva». Mais ao longe vê-se a crista triangular dum monte: é o «Velhinho». O forte entre o de Viana e o de Carreço chama-se Forte do Rego de Fontes (porque ali há um rego, comentou a minha informadora). Segundo me diz o professor de Âncora, que é mesmo desta localidade — o lugar onde fica a «Cova da Moura» (em Aspra, não Espra) chama-se Cornêdo.

No outeiro de Vile apareceram muitas vasilhas, que um homem de Gontinhães ainda possui, e muitos laparões (moluscos). Nas imediações do Castro (lugar da Senga) têm-se encontrado moedas quadradas (9).

Imediações de Pinhel (288) — Um médico cirurgião de Pinhel (Rebello de Monção, hoje em Pinhel), falando das antiguidades dos seus sítios, dá notícia, entre outras coisas — de lagartos e outros animais, em relevo, em pedras — em sepulturas, abertas em rocha, com a cavidade desenhando a figura do falecido — uma casa subterrânea, encontrada, seguindo-se uma água (fonte sagrada?).

Monte de S. Silvestre — A 3 léguas (aliás 7 quilómetros) de Viana e nordeste dela, virado ao rio Lima, muito caco, telha, casas circulares, segundo conta um indivíduo daqueles sítios (289).

(287) O arqueólogo Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896) fundador da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

(288) Pinhel, cidade do distrito da Guarda.

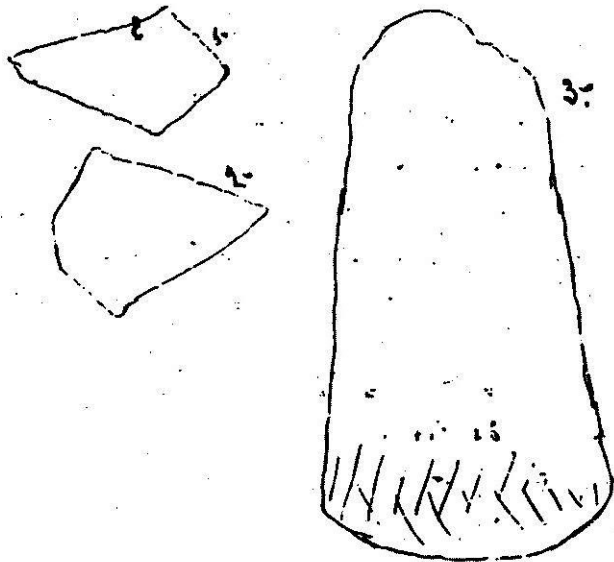
(289) Castro de S. Silvestre. Inventariado com o n.º 80 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Cardielos, concelho de Viana do Castelo.

Marco miliário em Valença — (Trazido de.....) Supõe o informador (Brito) que as inscrições estão inéditas.

Sinais gravados em rochas — O Rebelo, de que acima falei, dá também conta de sinais gravados em rochas que há em Pinhel (imediações). A propósito disto — aqui em Gontinhães mesmo, há cruces iguais às que encontrei em Soutelo, à beira do rio (ver pág. 7). É obra do rapazio.

Dólmen de Vile — Segundo diz o telheiro próximo, chamam-lhe «Cova dos Mouros». O dólmen foi desfeito por Francisco Gomes, de Gontinhães, que então era possuidor da bouça, mas segundo ele me disse, a mesa já não existia. O segundo suporte da direita foi traçado ao meio por cunhas: o mesmo sucedendo ao primeiro suporte da esquerda, que só apareceu depois da escavação. O professor de Âncora (Gonçalves) tinha-me dito que o Francisco Gomes ainda conservava umas «panelas» que lá encontrou. Ele porém afirma que não encontrou mais nada senão um «objecto de 3 esquinas», muito duro, sem poder decidir se era de pedra ou de metal. Está perdido. O diâmetro da coisa pouco mais tinha que uma polegada. As pedras do dólmen foram empregadas num lagar.

A exploração do dólmen desceu abaixo do assento do suporte traseiro, e já em barro muito movido. Os dois suportes ainda «in situ» tinham apenas dois palmos soterrados. Os achados foram: 1 — Uma ponta de flecha em quartzo branco. 2 — Uma outra, duma rocha que não sei clarificar, cor de sílex, mas com zebras esverdeadas: é uma linda peça. 3 — Um machadinho de diorite. O machadinho



é polido; as pontas de flecha de pedra lascada, como a da «Lapa dos Mouros» (290). Apareceram alguns cacos insignificantes, e alguns fragmentos de tijolo, provavelmente tégula; e um pedaço de xisto que serviu inegavelmente para afiar o quer que fosse, apresentando o mesmo aspecto que uma pedra de afiar (13-15).

Sepultura em rocha — Dá-me conta duma um sapateiro de Afife (João) (que mora a meia encosta do monte da Cidade (perto do Calvário), virado a Afife), no sítio de Greichoso. Este sítio fica na linha do Castro dos Mouros, portanto a mais de meia costa do monte que cerca a baía de Afife, para nascente (e que uns me disseram chamar-se Cabanas, e o sapateiro afirma ser ainda o Terrugem (o que é muito provável), e quase a meio do anfiteatro, entre duas bouças cercadas de paredes, uma delas circular. Talvez lá vá.

Marcas de pedreiro na Ponte de Abadim — As mais vulgares são S, vi também P e L. Provavelmente a ponta não é romana. O arco é de volta inteira, e não lhe vejo sinal de ter abatido, antes de lhe porem o fecho da abóbada, em virtude de uma trovoadas, que juntou as aduelas, dispensando o fecho — como, segundo a lenda, me contou o abade de Âncora (291).

Ponte dos Mouros — Na freguesia de Sopo perto de Vilar de Mouros, há uma ponte feita pelos mouros, que aparecia e desaparecia e só ficou consistente com a surpresa do esconjuro com água benta. Pouco mais ou menos, como a do Domingos Terne.

Exploração na Cidade (292) — Começamos ao meio dia de 17. 1.º Descobriu-se uma pequena casa circular de 2,75 m., ou antes sobre o semi-circular: Por baixo é lajeada com laje natural, e não reparei bem, mas disse-me hoje o rapaz (depois que a casa já fora de novo aterrada) que

(290) Estes artefactos encontram-se expostos no Museu Martins Sarmiento.

(291) Esta ponte, que se encontra bem conservada, foi construída em 1689. Sob ela corre o rio Âncora de águas límpidas e cristalinas onde ainda não entrou a poluição.

(292) No volume duplo II-III, 1960-61 de CONIMBRIGA, publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, publicou o arqueólogo Abel Viana um artigo intitulado: Cidade de Âncora. Neste artigo faz o autor algumas afirmações que a leitura destes manuscritos inéditos de Martins Sarmiento vem contradizer e esclarecer definitivamente. A pág. 250 encontramos o seguinte texto: «Aproveitamos a ocasião, portanto, para assentarmos nisto: 1.º — Martins Sarmiento não fez escavações na Cidade de Âncora, ou, pelo menos, nenhuma notícia em seus escritos deixou a tal respeito. Em seu relatório ao diante citado, o Sr. Coronel Mário Cardozo, conhecedor como ninguém, da vida e obras de Martins Sarmiento, afirma peremptoriamente que o sábio vimaranense não praticou ali qualquer escavação»...

A leitura destes manuscritos de Martins Sarmiento não deixa porém margem para dúvidas. Martins Sarmiento realizou, efectivamente, escavações na Cidade de Âncora de 17 a 26 de Outubro de 1879.

as paredes estavam assentes em barro muito duro. Deu duas fusaiolas chatas (293), restos de ânfora, louças lisas, fragmentos de telha.

2.º — (18) uma casa circular, não longe da outra, mede 3,20 m. O aparelho interior muito miúdo, como na Citânia. O pavimento laje natural e barro recalcado, nas baixas da laje. Restos de ânfora, telha com rebordo, e cacos lisos. A escavação é aborrecida como na Citânia, ou ainda mais: tudo pedregulho.

Idem até 23. — A escavação tem dado: moedas — uma, pequeno bronze, com duas cabeças de perfil (Dioscuros?); reverso fruste, sem legenda, ou com a legenda de tal sorte sa-fada, que se diria nula. Um grande bronze: anverso, busto com caduceu atrás, na orla IMP AVGV.....; reverso — o labirinto (do Aragão), como a moeda que ele diz de Car-tagena. Um fragmento de bronze, com este feitio: Este fragmento é notável por-que o seu aspecto é de bronze (oxidado); mas a forma dir-se-ia um pedaço de chumbo derretido e que coalhou de repente o que prova ou marca fundição «in loco», ou fusão em virtude dum incêndio casual. Numa das casas, apareceu dentro escuma de ferro. Nenhum fragmento cerâmico ornata-do. Abundância de telha e restos de ânfora. Nada de louça sâmia. Uma telha com a marca N; outra F Fusaiolas, apareceu uma perfeita com uma ornamentação de raios.



Há também casas quadradas. Uma casa circular tem uma entrada que se va explorar. É: En-contraram-se dois frag-mentos de pedra com cordão, como o da portada e uma pe-dra sobre o redondo com a seguinte figura: Parece já a cruz das nossas antigas moedas; mas



será?! (294).

N.B. — O monte da Cividade não se chama «Matança». «Matança» é um sítio determinado do monte, onde há uma cruz (truncada, parece), chamada «Cruz da Matança». O lugar da Osseira, segundo o mesmo informador, que é de Afife, não é para estes lados, é para lado muito oposto, Vile.

Moledo-Cristelo (295) — O pároco de Moledo (a), Benigno José Alves Casal da Veiga, a quem pedi informações destes sítios, nada diz. Conta a tradição oral, segundo a qual os mouros, saindo de Vilar de Mouros, vieram para Cristelo; os

(a) Segundo a tradição do padre, Moledo viria de «Moles».

(293) Estas fusaiolas ou coosoiros encontram-se expostas no Museu Martins Sarmento.

(294) É parte de uma estela funerária, discóide, já do período cristão. Encontra-se exposta no Museu Martins Sarmento. (Catálogo de Epigrafia, 3.ª Edição, pág. 132.)

(295) Cristelo. Inventariado com o n.º 2 no C.C.N.P. Pertence ao concelho de Caminha.

povos daqui obrigaram-nos a retirar para o «Sino dos Mouros» e daqui para Monte-Dor, onde eles se fortificaram. Por fim foram aí destruídos, o que deu o nome ao monte — «Monte da Dor».

A norte da igreja de Cristelo (que fora mesquita deles) há um lugar chamado «a Cidade» onde têm aparecido «tijolos — indício de sepulturas». Segundo me afirmou depois um roçador de Cristelo, o que se chama «Cidade» fica de facto logo a norte da Igreja, mas já no vale, em terra quase toda agricultada, pertencendo ao Padre João da Cerca. O sítio «do Castelo», a nascente da Igreja, é uma penha continuada. Nada parece de «Cidade» *comme il faut*. Nos limites de Moledo há a ponte de Barbanços. No alto do monte St.^o António, que se vê também do lado do rio Coura, há restos de uma capela; mas nada de notável, segundo os meus informadores.

Vilar de Mouros — A Lapa — N. Senhora do Crasto. — A célebre lapa de Vilar de Mouros que me tinham pintado, como um dólmen, nada tem disso. É uma enorme laje natural, quase no nível da povoação, e formando uma cavidade de mais de 8 metros em ambos os diâmetros, mas tão baixa, que um homem regular não se tem lá em pé. Por baixo é laje também. Para o lado do nordeste a laje abaixa, no pavimento, e tem uma altura de terra recalçada que não pude medir. Viveu lá uma família 26 anos, e a Sr.^a Maria, costureira, que lá se criou foi quem me mostrou o seu velho ninho, que ainda tem um pequeno forno, e o tecto todo defumado. A abertura horizontal da laje foi tapada com uma parede, onde se abriu uma porta, que está fechada. A família viveu ali por necessidade (296).

O nome de Senhora do Crasto levou-me ao alto, donde se descobre o Minho. O alto fica quase defronte da estação de Lanhelas. Houve ali inegavelmente um lugar forte; os cacos abundam, e notam-se apagados vestígios de construções (297). A maior porção do monte é de penedos. Para o lado do rio Minho o monte é escarpado. Toda a velha povoação é como uma moeda fruste. A capela tem logo abaixo da cruz uma inscrição em letras góticas, mas quase ilegível. A minha cópia é este hieróglifo: Na verga da porta em caracteres claros temos: FEITA NO ANNO DE IIII REFORMADA AN DE 1134 (4?) (numa só linha), há aqui provavelmente duas mentiras.

M. O. R. M. N. I.
M. O. R. M. N. I.

(296) Ainda se pode observar esta gruta e os restos da parede da frente. Está parcialmente escondida por um silvado e começa a servir de lixeira.

(297) Crasto de Vilar de Mouros. Inventariado com o n.^o 11 no C.C.N.P. Está situado na freguesia de Vilar de Mouros, Concelho de Caminha, donde dista 6 km.

A capela é de uma mais que simples. A numa pedra da cornija ras, representando de com asas. Os dois an inteiriça. Numa pedra do mesmo lado (norte) levo. Tudo isto está

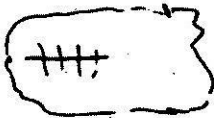


arquitectura incolor, e única coisa notável é que (esta lisa) tem duas figuras certo uma cabeça de anjos estão numa peça embutida na parede há uma concha em rebornado de cal.

Ponte de Vilar de Mouros — Argela. — No sítio há tradição de que a ponte é do tempo dos mouros, e que na margem direita do Coura, muito perto da ponte, e no sítio chamado ainda hoje a «torre» houve uma torre, que a Câmara de Caminha mandou demolir (em 1840, segundo a informação do pároco de Moledo), também dos mouros. A arquitectura da ponte é exactamente a de Ponte do Lima, só que esta tem 3 arcos grandes (ogivais), e 2 intermediários pequeníssimos (298). Quase em frente da ponte ficava a «Cova da Moura», e que pela reles informação que me deram não fui ver. Vindo pelo Coura abaixo fica à esquerda Argela. Um lavrador disse-me que perto da igreja tinham aparecido umas sepulturas de tijolos, parece, que foram dispersados, e num desaterro para a estrada que vem de Caminha se encontraram umas abóbadas, de que ainda se viam restos. Fiz mal em não ir ver isto.



Sinal gravado em rocha — Num penedo perto da capela da Senhora do Crasto há: mas a antiguidade dos sinais pareceu-me contestante. Em Vilar de Mouros vi ainda o costume do rapazio de gravar cruces nas lajes.



Nomes de Montes — Um picoto alto a nordeste da Senhora do Crasto — Monte de Gois (299), mais para nordeste deste — Alto da Pena (300). Um outeiro caniço na vertente do monte de Moledo para o Coura, e muito perto de Caminha — o Côto.

Cidade — Exploração — Uma haste dum alfinete de bronze. Falta-lhe a cabeça e a ponta.

(298) A ponte de Vilar de Mouros, situada num bucólico local deste verdejante Minho, está bem conservada e continua em serviço, mantendo a ligação entre as duas margens. Monumento nacional por decreto-lei de 16-6-1910.

(299) Monte de Gois. Inventariado com o n.º 15 no C.C.N.P. Fica situado na freguesia de Gondarém, concelho de Vila Nova de Cerveira, que dista desta localidade 5 km.

(300) Alto da Pena. Ver nota 264.

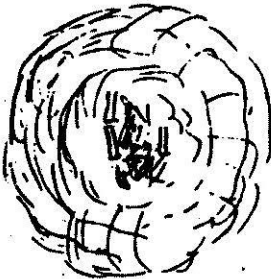
Picola — Uma espécie de martelo com a face sulcada de regos, formando pequenos quadrados, com que o pedreiro esmôa as saliências de granito, alisando assim a pedra:



Cividade — Exploração — Um fragmento de louça sâmia, fundo, mas sem a parte onde ficava a marca do oleiro.

Carn (?) na Portela — St.º Amaro (Riba d'Âncora). — Um fulano, que encontrei na Cividade, falou-me num outeirinho, pertencente a um João Lourenço de Riba d'Âncora. Negara o dono licença a um quidam que pretendeu escavá-lo. Esta particularidade dava certa realidade à notícia. Um rapaz guiou-me a casa do João Lourenço; uma criada e depois uma sobrinha dele, disse-me que ignorava todas as notícias que me haviam dado, e a última foi indicar-me o sítio da pretendida bouça. Percorri-a e nada. Devo acrescentar que o sítio é perto do «Pinhal da Barrosas», em Riba d'Âncora, onde um moleiro me dera um outeirinho dos mouros. Andando em volta dele sem o ver! À saída da bouça, encontrei um homem, com pretensões a sabichão, que já sabia que eu andava à cata de coisas de mouros. Contou-me dum tal que enriquecera, por encontrar uma tina de ouro na «fonte das duas cabeças», que fica para nascente do lugar em que estávamos (não longe da casa da escola), dando a entender que a mesma fonte e as «duas cabeças» lhe foram reveladas.

(A Ferreira (vide infra) de quem quis espremer particularidades desta história, ignorava-a; ignorava mais o sítio da «fonte das duas cabeças» — supondo que seria a fonte...», a que dava outra indicação, ficando em dúvida). A propósito do outeirinho que eu lhe descrevi, como objecto da minha visita a Riba d'Âncora, disse-me que havia um na Portela, «com pedras ainda no meio». Chamavam-lhe «Montinho dos Mouros» (nome que a Ferreira desconhecia). Arranjei logo guia para a Portela — uma mulher, por apelido Ferreira, que mora ao pé da escola. A mulher foi-me contando coisas de mouros, com a maior convicção. A nascente do Picoto dos Mouros e a meia costa ouvira ela muito distintamente um relógio de sala dar 12 horas. O sino da igreja deu em seguida o sinal de meio-dia. Sonhara com um tesouro no Monte de St.º Amaro — no sonho indicava-se o sítio (a propósito de uma pergunta sobre St.º Amaro, disse-me que o sítio do tesouro era precisamente ao pé dos muros da antiga povoação, que em parte estavam escondidos pela terra — ...!), mas ali não se podia escavar: tinha dono — um brasileiro. O pai conhecera um homem de qualquer parte que ouvira em sonhos: «Vai a Santarém e (em não sei quê que rimava em «tens»». O homem foi a Santarém; esteve dois dias na «ponte». Um preto que passava perguntou-lhe o que fazia ali, ele contou-lhe o sonho, e o preto disse-lhe que havia um tesouro em casa dum tal (era o homem) num sítio, onde uma «cabra pinta» costumava deitar-se, sobre uma pedra. O homem volta a casa e pergunta a um criado se há em casa alguma cabra pinta; responde ele que sim, acrescentando que a cabra tem o costume de deitar-se sobre uma pedra. Levanta-se a pedra e aparece o tesouro, é claro.

Uma irmã dele, também não longe do «Picoto dos Mouros» encontrou uma «croba» (sic) esquisita, que se virava sempre para ela, qualquer que fosse a posição que a mulher tomava. «Diziam os mouros — se soubessem as riquezas que tem o Minho!» (riquezas que eles deixaram enterradas, é visto). Mas a mulher que tantas coisas sabia ignorava o nome do outeirinho, nem mesmo dele tinha notícias. Ignorava mesmo o nome do sítio — que chamava «Cruz da Portela». Esta cruz fica no caminho de Riba d'Âncora a Caminha, por Venade, e na linha que separa as duas vertentes. É uma «portela» como a que já vi, quando fui à igreja de S. Pedro, donde descobri Caminha; mas esta fica muito para nordeste. Descortina-se dali o Coura, Vilar de Mouros. O outeirinho, segundo dizia o homem, ficava a poente do cruzeiro, e via-se bem. De facto, fica a poente do cruzeiro, e quase defronte dele. Fica numa chã, como o cruzeiro e à beira do caminho. Se não é dólmen é um «Carn». O mon-

 sos de diâmetro, e terá de metros. No centro há uma escava a descoberto algumas pedras mas um pouco pequenas, em tinhões e de Vile. A terra do labriada de pedras pequenas a aceitar a denominação de centrais foram sem dúvida caixa mostram a pequenez das dum grandeza dum dólmen. Nada com certeza, sem uma escavação, que traga à luz uma prova de antiguidade.

O sítio é mal afamado. Há ali uma legenda que nos faz lembrar as dos «4 irmãos»: dois homens lutaram ali e morreram ambos. As campos deles estão, segundo dizia a mulher, já quando retirávamos e longe, mais para baixo do outeirinho. Duas mulheres agrediram ali um homem que deixaram por morto.




O cruzeiro não deixa de ser esquisito. Tem no alto do fuste e logo abaixo do pé da cruz umas «alminhas» em relevo num escudo de pedra e dum trabalho um pouco gracioso. Disse a mulher que as alminhas aludiam a pessoas que ali tinham morrido. O cruzeiro é solitário. Entre eles e o «montinho dos mouros» há um velho caminho já abandonado, que se tornou já num algar, de refundado que está. O dólmen de Gontinhães, Vile e este ficam à beira de caminhos. O de Cornedo faz excepção.

título tem 20 pas-
 vação 1,1/2 me-
 ção que deixa ainda
 medidas de cutelo,
 relação às de Gon-
 outeirinho está ca-
 — o que nos leva
 «Carn». As pedras
 tumular, mas nem
 carneiro, nem a
 se pode aventurar

Santo Amaro (301) — Vim a St.º Amaro, despedira-me da mulher. Era um lugar fortificado em excelente posição, bem que o não pareça de baixo. O planalto regulará pelo recinto circular de Saboroso, mas parece ter tido mais que uma ordem de muralhas. No cimo fica a capela de St.º Amaro, que nada tem de notável. A sul dela, a coroa da muralha é muito visível; mas em toda a volta conhece-

(301) Monte de Santo Amaro, Riba d'Âncora. Inventariado com o n.º 5 no C.C.N.P.

-se bem o cordão de terra que a cobre. Tudo isto está muito mais conservado que o Crasto de Vilar de Mouros. Encontrei fragmentos de louça antiga e telha com rebordo. Infelizmente tudo aquilo é um pinhal, e pinhal de brasileiro. Há uma coincidência notável. St.º Amaro está na mesma relação para o Picoto dos Mouros, que a Cidade para o Crasto dos Mouros. O Picoto e o Crasto em monte áspero — primeira sede?! sede duma primeira raça?! Só tu, alvião, o poderias decidir.

Cidade — Exploração — A casa que na pág. 13 se deu a forma era realmente . Cacaria lisa e nada mais. Marcas de telhas as mais frequentes , uma outra . Exploraram-se

umas casas quadradas de disposição seguinte: corpo da casa (*b*) não tem mais que 4 palmos de largo. Na casa imediata de (*b*) a (*c*) corria uma fieira de pedras que parecia posta artificialmente, mas que talvez seja devido ao acaso, porque para o ângulo (*c*) apareceu formando a fiada uma pequena soleira.

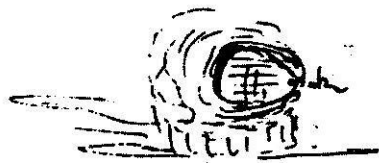
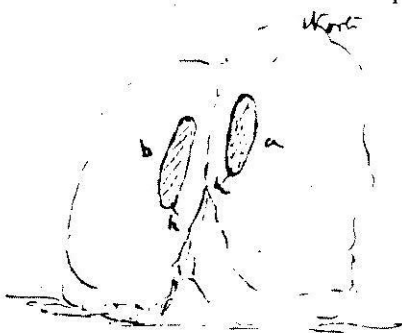
ções não tem mais de 0,05; o intervalo do comprimento da soleira 1,15. Largura metros. As explorações terminaram este ano (26).



O orifício para os coude cavidade 0,79; total pouco mais de 3 decímetros.

Sepulturas em rocha — Além da mencionada a pág. 12, no lugar que a mais de uma pessoa tenho ouvido chamar «Agreichoso», diz-me o abade de Âncora que as há em Carreço, ao pé da capela de S. Paio, no Aral (lugar ou nome de homem? o mesmo abade parece hesitante).

No lugar da Laje (Âncora), propriedade do Carlos há duas, e havia mais duas que ele quebrou para desembaraçar o campo dos penedos, em que elas estavam abertas. Estas distavam das ainda existentes, coisa de 100 passos. Tem de fundo 0,22 (*a*) de comprimento 1,80 de largura (no mais largo) 0,40, (*b*) de comprimento 1,90, de largo 0,50. Como se vê do desenho por um dos lados a campa tem uma curva muito pronunciada. Não há rebaixa para tampa, nem rebordo algum. Em (*k*) há um pequeno rego, que também já notei numa de Pamplido. Não longe há um outro penedo cavado e com um orifício de escoo, mostando poder servir de tanque. Mas um tanque ali! É possível que não seja antigo; o dono nada esclarece. Tem esta forma. (*k*) orifício. O penedo em que estão as sepulturas emerge do chão um metro. Os dois penedos tocam-se.



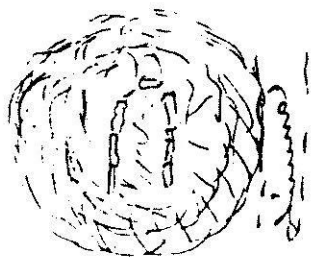
Kjoekken-moedding — As sepulturas ficam a nascente do outeiro do Castro; a ponte diz o Carlos que havia um grande montão de conchas de lamparões e de mexilhões, que um tal tirou aos carros, devendo ainda ver-se os restos. Notável!

Redenho. — Espécie de rede-fole com que se apanha o sargaço.

Novo outeirinho — Urnas. — O padre Manuel Gonçalves dos Santos, irmão do mestre de Âncora (mora ao pé do Carlos) disse aos meus trabalhadores da Cidade que para o pé da cruz de Laborada, e veiga do mesmo nome (cruz que se encontra à esquerda, indo de Âncora para Afife, e ao sair do pinhal da Gelfa), há uma «cova da moura», que foi uma coisa como a Lapa dos Mouros e ainda conservava algumas pedras. A Maria Teresa precisou mais o local que é mais para sul do cruzeiro, entre a via férrea e a estrada a macadame, num pinhal. Debalde procurei. O mesmo padre diz que no Fraião há um forno que tem urnas cinerárias. É preciso porém deitar abaixo alguns pinheiros, sendo isso, ao que parece, que deteve alguns exploradores que descobriram a coisa.


Casebres de S. Pedro — Na carta do pároco da Areosa verificarei onde ele colocou os casebres de S. Pedro; mas pelos modos ficam ao pé da casa do Loureiro, porque aí diz o Figueiredo Guerra há coisa que condiz com a descrição do padre.

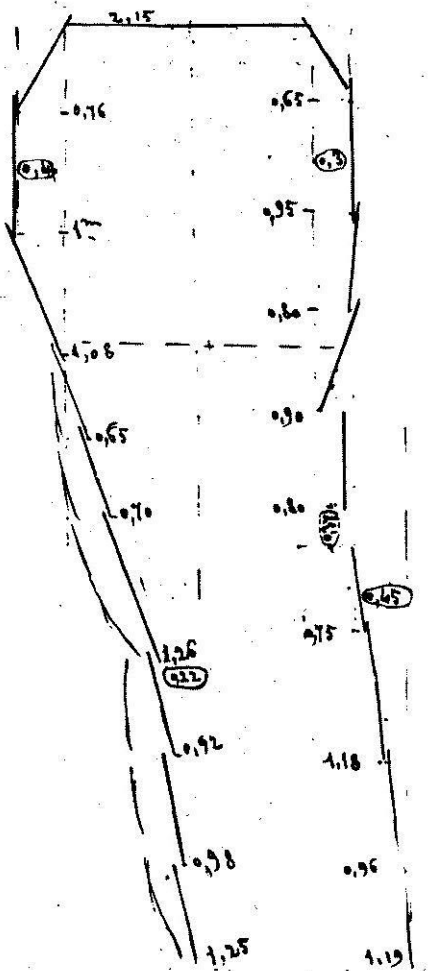
Dólmen de Laboradas (?) — (Vide supra «novo outeirinho»). O dólmen fica para lá da linha férrea e não para cá. A linha traçou o caminho que a Maria Teresa chamava «do mar» e é à beira deste caminho, e muito perto da linha que ele fica. O outeirinho, posto que mais baixo já que o de Vile, Cornedo, está ainda bem conservado. No meio há já uma cavidade, e vê-se dum lado e doutro as fiadas de pedra, na disposição das do «montinho» da cruz da Portela; mas um pouco maiores. Pareceu-me que em ambos os monumentos as pedras não sobraçam, como na Lapa dos Mouros e em Vile. As fiadas de pedras são compridas. Se ali havia um dólmen, as pedras existentes eram do dólmen e da galeria; a extensão da fiada é talvez de quatro metros — só o que fica à vista. As pedras emergem ainda pouco menos dum metro, mas é possível que estejam enterradas mais que isso. Creio que não saio daqui sem o explorar. O dólmen fica no eixo do Monte Agudo para o lado do mar, de que dista talvez uns quinhentos passos.



Planta do dólmen de Gontinhães

Escala:

Planta do Dólmen de Gontinhães.
Escala: 



N. B. — Aos suportes do dólmen de Vile devem ser dados a mais 2 palmos, que era o que estavam soterrados.

Muralhas misteriosas — procurando mais outeirinhos, tornei do de Laboradas pelo norte. Surpreendeu-me encontrar um cordão de pedra de 2 metros de largo, onde de quando em quando se vêem outeiros. Era uma muralha; mas o terreno é plano. Fica entre o Forte do Cão e a casa do guarda da linha férrea, na Gelfa, e não longe da casa e do sítio onde se despejaram milhões de carros de terra das obras da via. Era já tarde para examinar bem aquilo. Que são muralhas, não tenho a menor dúvida. Mas num plano? Uma fortificação provisória? mas isso não se faz com pedra que devia levar anos a carrear. É aqui de certo onde o Pinho Leal põe a *Vicus Ipacorum*, ao norte do Forte do Cão, quando realmente fica a nascente dele, ou, quando muito, a nascente. Esta ruíneria necessita dum exame muito minucioso (302).

Muralhas misteriosas (bis) (vide mesmo título) — Tornei lá, mas pouco adiantei. Os desentulhos da via férrea talvez cortassem e escondessem parte do circuito. O que resta, pelo que vi, é: As linhas ponteadas designam um cordão de terra onde há uma parede, feita, segundo parece, com pedra da muralha; mas vestígios dela não vi aqui. A muralha deveria descrever uma figura sobre o ovóide. De resto se há vestígios de construções estão soterrados. Debalde corri os arredores, e espreitei as lajes. Em lajes, salvo uma ou outra covinha, nada tenho descoberto por aqui. É possível que o ar do mar tenha desgastado a superfície da rocha, ou que o acaso me não tenha ajudado.



Achados em St.^a Luzia — Vi hoje (27) no arquivo da Câmara Municipal de Viana os achados de St.^a Luzia. Pobres. Exceptuando os pregos, o resto é pouca coisa. Os pregos são pregos de construção, idênticos aos nossos cabeçotes, do tamanho de caibrar, ou ainda maiores. O óxido não deixa dúvidas sobre a sua antiguidade. Bronze? Decerto. De que serviam pregos de cobre? Em bronze há mais o objecto gravado no livro do Figueiredo Guerra. Em moedas, o achado em tão pequena escavação poderá tornar-se suspeito, não só pela quantidade (umas

(302) Este exame é hoje em dia extremamente difícil, pois toda aquela zona está densamente arborizada. No início do século foi construído naquele local o Hospital Psiquiátrico da Gelfa e ultimamente algumas moradias de veraneio.

15 de cobre, e trinta e tal de prata, mais principalmente pela quantidade das de prata. Uma delas (é decerto coberta de sulfureto) está etiquetada, como sendo de cobre prateado: não me lembra a legenda, mas vê-la-ci no artigo que tenho em Guimarães; outra tem a legenda CAESAR; outra um elefante calcando uma serpente, parece (Caesar, segundo o Aragão, que diz que o elefante em fenício se diz «caesar». É possível); uma mínima, com AVG.

Estão guardadas algumas argolas. Segundo o José Norton a pedra delas é chamada por aqui granito verde, e é rijo como ferro. Em cerâmica tudo liso excepto dois fragmentos um perior deste ornato, pertencem O ornato inferior são pequenos mas quase encandeando-se. Al rebordo, sem marcas.



Três pequenos seixinhos oblongos, dois classificados como furadores (!), e um como pedra de toque. Tocados os 3 com uma libra, os 2 furadores acusaram maior sensibilidade que a pedra de toque. Ainda em metal um fragmento de fíbula, a meu ver, classificado de brinco de orelha; em (a) um orifício. Uns seis pedaços de chumbo, reconhecíveis pelo óxido branco e pelo peso.



Vergastadas — As saias de listas, que uma mulher chamou «fraldilha», chamam-se de vergastadas, segundo diz a tecedeira. Mas as vergastadas, conforme diz a Maria Teresa, são as listas, e a fazenda é fraldilha.

Os de St.^a Leocádia e da ribeira (do Ave) chamam aos de Sobreposta e Pedralva montanha, os da montanha. Por causa disto tem havido pancadaria. As mulheres da ribeira não querem casar por lá. (Marg.)

O forno em Nogueira — A Borda d'Água. — De Gontinhães para Ponte de Lima, pelo vale do Âncora e montanhas, encontra-se Vile, Soutelo, Orbacém, Amonde (estas duas freguesias quase montanha) e Nogueira. Aqui há coisa de 5 anos, pouco mais, instituiu-se o seguinte: — Fez-se um forno de tal tamanho, que pela porta pode entrar à vontade um homem. Fica num alto, para o povo poder presenciar o espectáculo. Um indivíduo, duma geração tal, vem debaixo do andor da Senhora da Rocha, com um cravo na boca, nas mãos um tabuleiro com um bolo de 3 alqueires. O andor pára ao pé do forno, o homem dá uma volta clara em torno dele, entra depois nele (o forno esteve a arder 3 dias antes) e está, é claro, apto para cozer o bolo, e deposita lá o bolo, que depois de cozido é repartido pelos pobres. No primeiro ano desta instituição todo o povo da romaria zombava da coisa e dizia que vão ter «carne humana assada» (sic). A incredulidade tornou-se, com a prova à vista, o que se pode imaginar. O homem confessou-se outra vez, antes de entrar na prova. É a história do forno de Pombal, e nisso pen-

sava eu, quando a Maria Teresa me fazia esta narração. Logo que ela me disse que o costume veio por imitação da «borda d'água», e que a borda d'água era principalmente a região do Porto até Lisboa, não tive a menor dúvida que o modelo era o forno de Pombal. A maior parte dos homens de Âncora, Afife, vivem 6 a 7 meses no ano fora da sua terra. São pedreiros, estucadores, no geral, e vão procurar trabalho até ao Porto e *borda d'Água*. A lavoura fica para as mulheres. No Natal vêm a casa.

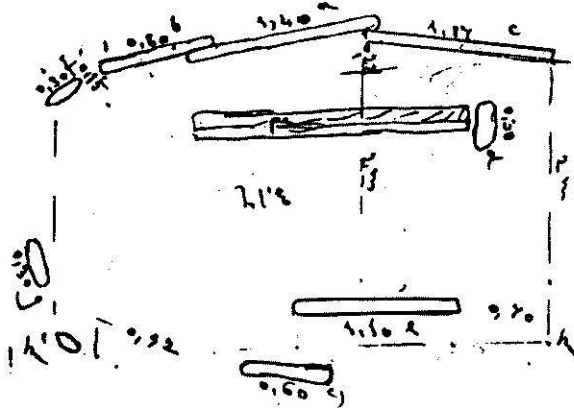
Ereira — Modorno. — O limite de Âncora e Afife é o eixo do «Monte Agudo». Contando desta linha para a enseada, em que desagua o Âncora, a esteira de terreno na costa, da linha férrea para o mar, divide-se em duas partes. A mais chegada a Afife é Ereira, onde fica o dólmen ultimamente descoberto; em seguida entre a Ereira ao sul, a enseada ao norte, e entre o pinhal da Gelfa e o Forte do Cão fica o Modorno. As muralhas misteriosas ficam pois no Mordono. Ninguém sabe o que aquilo é — diz a Maria Teresa, e só depois da plantação dos pinhais é que começaram a aparecer. *O caminho do mar* (simplesmente) é o que vem de Âncora e Cividade (montes), passa junto ao dólmen da Ereira e estira para o mar na direcção do Forte do Cão.

Kjoekken — Moedding — (vide pág. 24) A norte, um pouco mais a nordeste do Crasto (Lapa), e no segundo caminho, para cima da cancela (para quem vai de Gontinhães) torneia o outeiro de poente a nascente, há um cruzeiro encostado a uma parede duma propriedade. É aqui, que quebrando uns penedos para as obras da via férrea apareceram muitas conchas de mexilhão, e de lamparões (lapparões? — o que na Póvoa de Varzim chamam lapas), mas misturados com terra. Vi ainda conchas de lapas, mas dispersas. Apareceu também muita cacaria, fundos de panelas, etc., segundo diz um rapaz, é um lagar aberto na rocha (campa?). O rapaz disse que o lugar tinha umas cruces ao alto, mas explicou-me de modo que eu inclinei-me a crer que eram cavidades, nos ângulos, onde podiam meter-se paus, no sentido vertical. O rapaz, apesar de se declarar testemunha ocular, fez-me crer que falava de ouvir. O fundo da coisa deve ser verdadeiro. Os incrédulos inquiram a fidelidade da pintura.

Os Brasis — É, segundo diz o engenheiro Albuquerque, um sítio de Amonde (monte do mesmo nome). (onde há grandes filões de estanho, e estanho de aluviões no ribeiro, que passa ao sopé do monte, e é afluente do Âncora) onde há vestígios de antigas minas de estanho.

Dólmen da Ereira. — O montículo tem 22 passos de diâmetro. Está, como o da Lapa dos Mouros, de Vile e da Cruz da Portela (e decerto, mas esqueceu-me de notar bem, o de Cornedo, orientado de poente a nascente (as costas do da Lapa

e de Vile para poente). Os suportes laterais emergem 1/2 metro da furna, mas o montículo ainda está de nível pela coroa deles (*a*). Eis a planta: a escala é a da Lapa dos Mouros:



a) sobraça 0,10 (já contados) *b*) sobraça 0,15 (idem) *c*) sobraça 0,25 (idem) *d*) pedra da cabeceira (?) deslocada, como se verificou na escavação (inclinada) do mesmo modo que *e*) cuja base assenta na linha *k*, *k'*, *f*) *g*) pedras talvez fora do seu lugar e sem grande altura. *e*) pedra (caída?) de 6 palmos de altura (palmo do José — 0,22) e perto de 9 de comprimento, plana para o eixo do dólmen, e açotada para a borda dele. Estava soterrada (e assim ficou) coisa de 2 palmos. Os suportes tinham 9 palmos (do José) e assentavam em salão. O túmulo, como mostra e toda a sua face exterior, que a chuva tem batido, compõe-se de terra e pedras de 1 a 1½ palmos.

P.S. Disse-me depois o José que a pedra *e*) não estava açotada no todo, mas tinha apenas cortada uma das esquinas, sendo plana, para um e outro lado. Mostrava portanto (não me compreendendo bem, o José mandou aterrar tudo antes de eu chegar deixando as coisas no seu primitivo estado) esta forma:

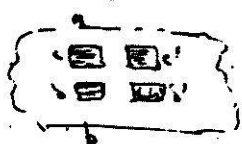


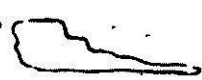
Velha mina de estanho — No Orbacém, foi registada uma mina de estanho, segundo me diz o engenheiro Albuquerque. A sociedade era composta por uns vianenses, que trataram de se lograr uns aos outros. Logrou-os a todos um espanhol, que foi com o seu alvião procurando estanho, misturado nos calhaus, à flor do solo, e mandando-o para a sua terra. Os filões de estanho parece exigirem grandes capitais para uma exploração em forma; mas o estanho a aflorar

(*a*) Aí encontrei um seixo, e com fracturas intensionais no seu pequeno fazendo lembrar as pedras de Sabroso: O seixo é de quartzo azulado.

a terra, e nos aluviões dum regato, que tornea a fralda do monte, e conflui depois com a Âncora (o primeiro afluente do Âncora, ainda em Soutelo, mas quase no fim da freguesia, e para Orbacém, a quem uma mulher deu um nome insignificante?), é abundante — afirma o Albuquerque, que, convidado para entrar na sociedade, foi por si mesmo visitar os lugares. Há demais aí uma *velha mina*, chamada «Cova do Lobo» — no Lugar de Vilar, vê-la-emos. Estas notícias foram-me dadas quase na véspera da minha saída de Âncora pelo dito Albuquerque, que é parente dos Albuquerque de Viseu e está empregado no Alto-Minho (Monção) como engenheiro (303).

Excursão a S. Julião do Freixo (304) — O trabalhador, António de Magalhães tinha-me dito que na sua terra, S. Julião, não faltavam montículos, como os de Vile. Na véspera da minha saída de Âncora (dia 30) pus-me a caminho com o velho e o José. Saímos do comboio em Barroselas (305), e tomámos a estrada de macadame que daqui leva para se chegar a S. Bento. Em Balugães (306), o velho, a quem dei de beber numa taberna, começou a apregoar, como continuar a fazer daí para diante a nossa excursão arqueológica, um homem que ali estava disse logo que no monte chegado à estrada havia a muito notável cidade de «Carmona» (307). Tomei-o logo para guia e subi ao monte. Era efectivamente uma povoação importante, não devendo nada a St.^a Luzia. Parte das muralhas ainda têm um bom metro da primitiva. Vi fragmentos de telha e de âforas, mas nenhum vestígio de barro omatado. Quem quer fazer fornos vai ali escavar e procurar tijolo. Parte da pedra tem também sido saqueada, porque não vi a que devia ver. As construções não estão por isso muito à vista, bem que o monte só tenha um mato raro e baixo e nenhuma árvore. Havia *moedas* circulares. O meu guia tinha pretensões a bom falante e mostrava-se apaixonado pela sua Carmona. Conheci-a bem: e ali haveria de tudo. Pedra da Moura? Sim senhor; mostrou-ma, fica para nordeste e ainda intermuros, ou pouco longe deles; mas pelo que percebi de longe, eram alguns penedos sem nada de característico. Penedos com sinais? Sim, senhor. Aquí está o *Penedo do Sinal*. Vira para nascente, um pouco para su-



deste, e fica contíguo à primeira (creio) ordem de muralhas, mas de fora delas: Secção a b  c) c') são cavidades quadrangulares de 0,57 nos dois diâmetros, e apresentando, mas muito mais em miniatura a forma e serventia da

(303) As minas de estanho e mesmo as de volfrâmio da região, deixaram há muito de ser exploradas.

(304) Freixo, freguesia do concelho de Ponte do Lima.

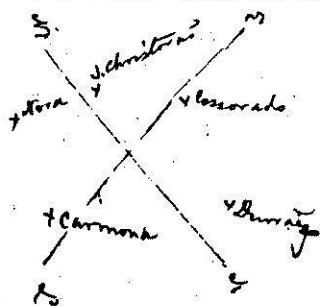
(305) Barroselas, localidade e estação do Caminho-de-Ferro no concelho de Viana do Castelo. Dista desta cidade 15 km.

(306) S. Bento de Balugães, freguesia do concelho de Barcelos, distante desta cidade 15 km.

(307) Carmona — Castro de Carmona. Inventariado com o n.º 100 no C.C.N.P. O monte em cuja vertente se encontra a igreja da Senhora da Aparecida está, em parte, coberto por densa vegetação, apesar dos incêndios que ultimamente lá têm lavrado. A pedra abunda por todo o monte e continua a ser «saqueada», segundo fomos informados por um habitante local.

cadeira do diabo de Garfe. d) d') são cavidades mais pequenas, que se diria feitas para facilitar a posição sentada. O homem tomou a posição, que ele entendeu que os mouros haviam ter tomado, e eu só então compreendi que *penedo do sinal* queria dizer *penedo de vigia*, para ver sinais, etc. Quanto aos sinais que eu procurava só vi algumas pequenas *covinhas*. A necessidade de não perder tempo não me permitiu um exame minucioso. Não pude também averiguar da ciência do meu cicerone se a «cidade» tinha três ordens de muros. Pelo menos duas, com compe-

tes calçadas, tinha. É de crer que tivesse a terceira, mas que esteja despojada da pedra. Do alto o homem orientou-me sobre a topografia dos arredores e as suas arqueologias:



Em todos estes pontos, que são montes havia ruínas; mas exceptuando talvez o Monte da Nora, que já fica mais longe, as outras fortalezas, todas à vista, e à distância, a mais distante, duma légua do «Monte e Cidade de Carmona» seriam dependências

desta — pequenos fortes, e povoações que obedeciam à grande cidade. Hoje a «Nora», onde há antiguidades de truz, «umas portas de ferro» onde ninguém ainda pôde entrar, pertence a Ponte de Lima. «S. Cristóvão» também mas duvidosamente. «Cossurado (Quesorado?)» a Barcelos. «Durrães» a Viana. Via-se também do alto de Carmona o Castelo do Neiva, formando o monte três elevações. É no meio delas que fica, na elevação do meio, por lá há umas ruínas.

Senhora da Aparecida (308) — Descemos para a taberna, passando por pé da Igreja da Senhora, que fica na encosta, mas quase ao sopé do monte. Já à subida tinha reparado que nesta mesma linha era abundante a telha com rebordo. Nas proximidades da igreja sucede o mesmo. É claro que a velha povoação se estendia para este lado. A igreja, que é um bom templo com duas torres, tem a data de 1704; mas a capela «primitiva» (?) fica defronte dela. É uma pequena capela, de arquitectura insignificante, mas com a notável particularidade seguinte. A capela-mor cobre os penedos em que a Senhora apareceu (descobriu-se ali um menino «pastor», que está hoje enterrado debaixo do altar da Senhora) (309). Os penedos devem ter esta disposição:

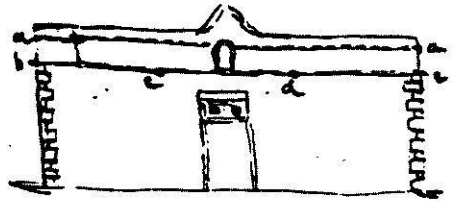
(308) O santuário da Senhora da Aparecida fica na freguesia de Balugães e ali se realiza todos os anos, a 15 de Agosto, uma das mais importantes romarias minhosas.

(309) No interior da capela encontra-se na parede do lado esquerdo uma lápide com a seguinte inscrição: PARA MEMÓRIA DO TRICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO VIDENTE JOÃO ALVES DE NOSSA SENHORA APARECIDA (O MUDO) 1682-1982 E DOS DUZENTOS E OITENTA ANOS DA APARIÇÃO 1702-1982.



a) é uma passagem de 2 ½ palmos de largo, e de pouca altura, menos sique a dum homem. A capela está construída de modo que uma das portas da capela-mor dum lado, e outra do outro, coincidem com a abertura *a*) que se prolonga alguns passos, como uma abóbada, curvando-se e saem pela outra porta; mas os que estão em pecado não podem passar. O homem era verdadeiramente fanático pela Senhora. Infelizmente, a capela estava fechada, e não pude ver a coisa com os meus olhos. Os penedos, segundo parece, não se vêem do corpo da capela, porque entre eles e o espectador fica o altar da Senhora (310).

S. Cristóvão (311) — De Balugães para o Freixo sobe-se quase sempre até ao pequeno monte de S. Cristóvão, que se via de Carmona com a sua capela toda caíada; o caminho passa a meia costa; mas como o velho António afirmou, ou antes confirmou, que ali tinham vivido os mouros, e que era — mesmo dos mouros a igreja, bem como o castelo de Coritelo (de que logo falo) e que fica a norte da Igreja, no mesmo monte, mas já a meio da meia costa, fui ver o que havia. Era um pequeno forte do tamanho de Sabroso (312). Vê-se ainda a linha por onde iam as muralhas, se não é certo que parte delas, mormente para o norte ainda lá estão soterradas. Quase toda a pedra foi saqueada. Vestígios de construções poucos e esses muito apagados. Muita cacaria lisa — fragmentos de telha e de ânforas. De resto nada de notável, nem mesmo o penedo dos mouros, que fica também para norte e encostado ao muro circular que fecha a igreja, e que não passa de um montão de alguns penedos insignificantes (313). A capela (que eles chamam igreja) é que tem duas singularidades. É cercada por uma parede alta, em forma circular, com a porta franca para o nortes e para o sul (a orientação não será das mais exactas; por um descuido imperdoável deixei, Guimarães a agulha). No meio deste círculo, e para a abrigar do vento — dizia o velhote — fica a «Igreja». *a*), *a*) é um cordão torcido, precisamente, como os da Cidade de Âncora, ornando a platibanda, *b*), *c*), *d*), *e*) são goteiras. Há-as também dos



lados, bem como nos lados duas pontas quadrilongas e com alizares. As goteiras também as há na capela-mor, que é reentrante, e todas elas recolhem a água dos telhados por intermédio duma caleira de pedra que deve correr pelo pé da platibanda. O singular é que a ornamentação de todas estas goteiras em forma de peças é diferente. A mais notável é a da esquina direita (para o espectador posto em frente da porta principal) é pouco mais ou



(310) A descrição de Martins Sarmento coincide com o que actualmente se pode observar.

(311) S. Cristóvão pertence já ao concelho de Ponte de Lima.

(312) Vide nota 259.

(313) Castro de S. Cristóvão. Inventariado com o n.º 145 no C.C.N.P.

menos: Entre a padieira da porta e o último alizar, há duas almofadas de pedra como indica o esboço (314).

Castelo de Coritelo. — Diz o velho que era dos mouros. Tive tenção de o examinar à volta, mas não realizei o intento, porque tomamos por outro caminho. Fica, como já disse, a meio da meia costa, para as faldas do monte, no mesmo outeiro que ali se empola, como um pequeno contraforte. Além da vara do castelo, existe em torno um cerco de muros altos, que devia ser o castelo propriamente dito. Tudo aquilo é habitado e está excelentemente conservado. Não me despeço sem o examinar ainda (315).

Montículos do Freixo. — O primeiro que o velho me mostrou, no lugar das Barreiras, não longe da igreja, e onde hoje há um cruzeiro, fez-me suspeitar se o meu cicerone tinha tomado a nuvem por Juno; mas um outro que me mostrou no lugar de Burreal e no meio de um pinhal, sossegou-me. Era um túmulo, como o de Vile. No centro a cavidade, donde lhe haviam extraído todas as pedras. O dono da bouça, que apareceu ali, respondeu que nunca soubera de pedras, nem virá o menor caco. O 3.º dos prometidos era ainda no lugar do Burreal e numa chã maninha, mas cercado de bouças. Era como o 2.º, mas nada de pedras; sempre a cova de onde elas haviam saído.

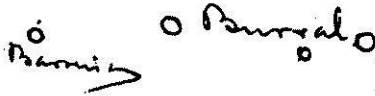
Não me deram notícias de mais na freguesia. Em Friastelos, freguesia contígua, haveria mais dois; e um em Sandiães. Por não ser possível ver tudo, e Sandiães fica no caminho para Roriz (de Barcelos), cujas ruínas (de que me falaram os Magalhães) queria visitar (316), deliberei voltar para trás (porque Friastelos ficava para diante). Desconfiado de um montículo, que ficava a 300 passos, no monte do 3.º, e na mesma chã, aproximei-me, era outro! Um pouco mais baixo e mais desfeito, e talvez mais pequeno, mas com a sua mamoa harmónica e no meio a eterna cavidade, que centra o monumento. Isto também é dos mouros — gritou-me o surdo do velho. Tornei às Barreiras para examinar melhor o lugar. Um homem que ali estava, parente ainda do velho, chegou-se e disse quase sem ser perguntado, que há muitos anos, andando ali a escavar por conta dum tal, no sítio, em que estava hoje o cruzeiro, encontraram um poço sobre o comprido, de pedras metidas de cutelo, e cuja altura lhe daria pelo pesçoço. Pedras a cobrir não tinha nenhuma. No fundo havia muito carvão, e nada mais, nem cacos. Não há porém a menor dúvida: no Freixo houve 4 dólmenes, pelo menos, ou que melhor nome tenham, porque é possível que na Eireira e na Cruz da Portela não houvesse dólmen propriamente dito e que os do Freixo fossem parentes próximos

(314) O local sofreu, entretanto, grandes obras de urbanização com vista a maior comodidade dos tomeiros que ali acorrem em grande número a 24 e 25 de Julho. Construíram outra capela, um coreto, um edifício de arquitectura horrorosa, e vários terraços em soalco para estacionamento. Dos vestígios arqueológicos referidos por Sarmiento, praticamente, nada resta.

(315) Refere-se Sarmiento ao solar de Coritelo um dos mais belos solares minhotos e cuja construção remonta ao Séc. XII. Continua habitado e bem conservado. Fica situado a cerca de 100 metros da estrada que de Balugães segue para o Freixo.

(316) Vide nota 282.

destes últimos monumentos. Examinei então o montículo. O porque me recusava a tomá-lo por tal era: 1.º porque um caminho que lhe cortou um dos segmentos mostrava uma altura respeitável de terra barrenta e xistosa intacta. Vi porém depois que acima deste solo virgem havia um bom metro ainda de terra vegetal que fora trazida de algures. 2.º O montículo não desenhava forma circular, nem coisa que o pareça; mas vi também que o corte o desfigurara por um lado, e por outro o arroteamento para um campo parte do qual foi feito à custa da área do montículo, aplanando-o. O Magalhães mostrou-me uma mina que o pai dele abriu num dos flancos do montículo, para dar com o tesouro. A mina ia pelo barro primitivo. Imaginem-se os achados. Os quatro montículos estão na seguinte disposição:



todos numa planície, hoje encurtada com paredes que tapam campos e bouças de mato. A maior distância entre elas não excederá talvez 500 passos. Não pude fazer exacta ideia da topografia do sítio. É uma ribeira: a nascente passa o ribeiro *Mansim*, a poente o ribeiro de *Paço*; mas nem sequer os vi de longe (entre Balugães e o Freixo há um pequeno rio — *Naviosinho*; de balde quis saber se havia um rio «Navio» — «Naviosinho» será diminutivo em relação ao Neiva onde decerto desagua? Creio-o). Em Sandiães (317), apesar do velho, que conhecia toda a gente, interrogar quantas pessoas encontrava, ninguém soube dar-nos conta de montículo nenhum. De coisa de mouros, apenas se conhecia o monte de *S. Zilio*, onde apareceram tijolos, perto da ponte do *Crasto*. Ficava um pouco longe, para sul e a desamão, e por isso apenas tomei nota da novidade. Passamos o Neiva numa ponte de um arco só, pequeno, e sobre o ogival, no lugar de ...?...; subimos para a portela da Alheira, onde por causa de uma demanda fora morto um homem de Guimarães (história de quase todas as portelas). Ao descer, e para sul avista-se uma capela, num monte para lá do vale onde se vê a igreja de Alheira (318). O velho não lhe sabia o nome (um homem que encontrámos adiante disse-nos ser da Sr.ª da Saúde), mas contou que o dono da capela tinha obrigação de dar a quantas pessoas ali fossem no dia da romaria «uma sardinha e uma fatia de pão» (319). Ao descer para Roriz, vimos lá longe, por indicação de um tamanqueiro semiliterato o monte, onde ficavam as ruínas, e onde ele sabia que alguém tinha andado a escavar. Mas, lançadas as contas, não tínhamos tempo de lá ir e estar em Barrocelas às 7 para apanhar o comboio. Depois de várias combinações, decidi deixar as antiguidades em paz, e tomar não para Barrocelas, mas para a estação de Tamel (320), cujo monte nos indicaram, e que ficava longe. O velho fizera

(317) Sandiães é uma freguesia do concelho de Ponte do Lima.

(318) Alheira. Freguesia do concelho de Barcelos distante desta cidade 11 km.

(319) Mais conhecida pela capela de S. Lourenço da Alheira. Da tradição da sardinha e do pão nada resta, não se lembrando ninguém de tal usança.

(320) Tamel, povoação e Estação do Caminho-de-Ferro do concelho de Barcelos distante desta cidade 7 km.

todas as distâncias liliputianas. Sem saber bem o caminho tomamos pela meia costa circuitando o vale de Tamel desde Alheira até ao túnel. Começou a chover. No problema muito intrincado sobre a nossa directriz apareceu sempre um quidam aqui e acolá, que nos valia no aperto. Ao fim de uma boa hora, a chuva cessou, e passamos pela igreja da Portela. Passamos o monte, que o túnel fura, e ao lado de alguns poços, daí a pouco descíamos para a estação de Tamel, saindo à estrada que dali vai a Balugães. Não longe de Tamel ficava o monte de Quessovado (Cossovado) ⁽³²¹⁾ que eu vira do alto do Carmona. Tínhamos andado à volta dele e do Lousado (ondé o velho também dava mouros) ⁽³²²⁾. Uma mulher confirmou que o Quessorado tinha coisas de mouros. O nome do monte, que o túnel atravessa, ninguém me soube dizer. Apenas um homem me gaguejou um *Carrapatoso*, ou coisa equivalente.

De Âncora — Escreveu-me o Salgado, a quem tinha pedido para dizer ao Lúcio, boticário de Afife, que lhe apanhasse e guardasse a pedra redonda ornamentada, e desenhada a pág. 7, que a pedra estava à minha disposição e que as da portada da «Cividade» não sairiam do adro da igreja, sem eu voltar a Âncora para as fotografar à minha vontade ⁽³²³⁾. (Um tal Araújo de Viana que possui, diz o José Norton, uma bonita colecção de moedas, aparecidas num sítio determinado, (de que o Norton ignora o nome) e que desejava mostrar-ma, queria fazer dela presente ao Possidónio ⁽³²⁴⁾, e eu já me resignara a apanhar-lha em fotografia tirada por qualquer cerógrafo vianense); que ele Lúcio tem algumas pequenas pedras e fragmentos cerâmicos da Cividade, e que para o ano quer ser meu companheiro nas escavações. Bravo, bom Salgado (J. J. de Araújo Salgado).

⁽³²¹⁾ Castro de Cossourado. Inventariado com o n.º 194 no C.C.N.P. A freguesia de Cossourado pertence ao concelho de Barcelos.

⁽³²²⁾ Castro de Lousado. Inventariado com o n.º 193 no C.C.N.P. Fica na freguesia de Panque do concelho de Barcelos e dista 14 kms desta cidade.

⁽³²³⁾ Martins Sarmiento dedicou-se também, como amador, à fotografia que utilizou como auxiliar dos seus trabalhos arqueológicos. Na Sociedade Martins Sarmiento encontram-se guardadas as suas máquinas e outros apetrechos fotográficos. De destacar, um laboratório portátil para transportar, como uma mochila. Construído em madeira conserva ainda o carimbo pirogravado do fabricante com os dizeres:

Laboratoire American
Brevette en France et à l'étranger
D. & F. J.
124-128 Rue Lafayette

Colado no laboratório encontra-se um rótulo de despacho do Caminho-de-ferro para o trajecto Famalicão-Âncora. Isto prova que Martins Sarmiento o levou consigo para poder preparar as placas fotográficas. Naquela altura utilizava o processo do colódio húmido.

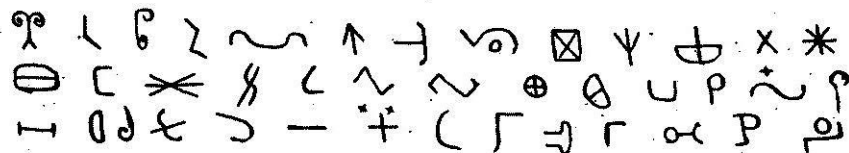
Segundo nos informaram, trata-se de uma peça rara e única no país. Entre o seu espólio bibliográfico encontra-se um volume encadernado composto por alguns cadernos manuscritos, onde o sábio arqueólogo vimaranense lançou os seus apontamentos fotográficos, os seus ensaios e fórmulas experimentais.

⁽³²⁴⁾ Vide nota 287.

Antas — Antas é uma freguesia que fica entre o Lima e o Cávado, perto do Castelo do Neiva e de Forjães. Aí há antas, segundo «rosna» o Salgado. O carreiro que nos trouxe de Âncora os trastes, João Marujo, que os Coelhos de Viana conhecem muito bem, mora na freguesia de Vila Chã (que pega com Forjães), no lugar da Aldeia. É um bom homem e pode ser um bom guia nesta localidade (325).

St.ª Luzia — Diz o juiz Queiroz que o forte de St.ª Luzia se estendia muito pela encosta sobre Viana, e que por aí apareceram muitas calçadas. Não vi nem me pareceu que as muralhas descessem tanto. É possível. Supõe ele (contra o que já me pareceu ouvir-lhe) que o Possidónio foi mistificado por um empregado, que lhe deram por companheiro, o qual possuía uma colecção de moedas, e decerto as deixou cair aqui e ali, para que o arqueólogo se animasse, ele continuasse naquele serviço que muito lhe convinha. Parece que dada uma cavadela, aparecia logo uma moeda.

Marcas de Pedreiro no Castelo de Guimarães:



O último sinal da torre do cárcere; sinal com a nota + repetido nas muralhas e na vara do castelo (326), e dentro dele; o sinal com a nota + + na pilastra que segurava os vigamentos da vara do castelo. O estudo destes sinais foi feito precipitadamente; cumpre estudá-los bem e compará-los com os das muralhas de circunvalação (7-11-79).

«Se queres um inimigo sem o sentir
empresta dinheiro e torna-o a pedir.»

(Barbosa, pai)

(continua)

(325) João Morujo foi com efeito um bom auxiliar de Sarmiento na pesquisa de antiguidades por aquela região.

(326) Vara, a parte mais alta de um castelo. Viga.